

A watercolor illustration of a person with blonde hair, wearing a white shirt and a red skirt, walking up a wide set of stone stairs. The person is carrying a blue backpack and a red bag. The stairs are flanked by dark blue railings. To the right, there is a building with a brown roof and a white lattice fence. The background is a soft, abstract watercolor wash of warm colors like orange, yellow, and green.

AUTOBIOGRAFIA EDUCACIONAL

Narrativas a partir de uma hermenêutica vivencial

Edson Ferreira da Costa
Organizador



EDUFMA

Edson Ferreira da Costa
Organizador

AUTOBIOGRAFIA EDUCACIONAL

Narrativas a partir de uma hermenêutica vivencial

São Luís



EDUFMA

2020

Copyright © 2020 by EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

Reitor

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos

Vice-Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira

Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira, Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni, Prof. Dr. André da Silva Freires

Prof. Dr. Jadir Machado Lessa, Profa. Dra. Diana Rocha da Silva

Profa. Dra. Gisélia Brito dos Santos

Revisão

Regysane Botelho Cutrim Alves

Capa

Canoa Quebrada, aquarela sobre papel, 2011.

Helena Mendonça

Projeto Gráfico

Francisco Wilson Leite da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A939

Autobiografia educacional: narrativas a partir de uma hermenêutica vivencial /Edson Ferreira da Costa (Org.). – São Luís: EDUFMA, 2020.

146p. il.:

ISBN: 978-65-86619-56-0

1. Autobiografia. 2. Educacional. 3. Narrativas. 4. Coletânea.I. Costa, Edson Ferreira da. II. Título.

CDU:920.91:37

Elaborado por Vivian Oliveira da Silva CRB - 13/743

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microfi Imagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

A todos os estudantes que generosamente disponibilizaram suas histórias aqui narradas; a minha querida amiga talentosa, Helena Mendonça, que gentilmente nos cedeu uma de suas aquarelas para embelezar o nosso livro; a profa. Regysane Botelho que cedeu parte do seu tempo para revisão de língua portuguesa; ao Wilson Leite pelo empenho no trabalho de diagramação; e aos membros do GEPEE que contribuíram para a materialização desse projeto.

Apresentação

A proposta de publicarmos este livro surge do resultado de um trabalho da disciplina de Antropologia Filosófica ministrada por mim, prof. Edson Ferreira da Costa, para os estudantes do segundo período do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Na ocasião, como uma das atividades a serem desenvolvidas pelos estudantes, foi proposta a escrita de uma autobiografia educacional fazendo um resgate de acontecimentos diretamente relacionados às suas vivências familiares, sociais e escolares. Alguns textos foram selecionados tendo como critério a clareza na exposição do que foi relatado e a relação com o que foi solicitado.

Cada história traz a sua riqueza de detalhe, sendo muitas o retrato da realidade da grande maioria dos estudantes brasileiros, que, por uma série de limitações, encontram inúmeras dificuldades para ingressar e permanecer no ensino superior. Mesmo em meio às condições mínimas de subsistência, esses autores conseguiram chegar à universidade pública e iniciar um curso superior.

Parte das histórias é de muita luta contra uma série de realidades e acontecimentos que contraditoriamente poderiam se tornar conteúdo de

relatos de abandono e negação da educação como ferramenta de transformação pessoal e social, mas o que vemos nos escritos contradiz o que se espera de uma lógica fatalista da vida. As histórias se cruzam como compreensão da vida e como esforço de superar as limitações impostas pelas circunstâncias materiais, exercitando, por meio da educação, a capacidade de romper com a naturalização da permanência das condições de conformismo e aceitação do momento presente.

É com muito respeito e admiração a todos que generosamente compartilham parte de suas narrativas de vida que apresentamos este material, que, assim como a vida de cada um, é somente uma parte de tantas lutas e conquistas que fazemos, muitas vezes, de forma silenciosa, mas, como bem fala Ortega, falar é uma necessidade vital para nos compreendermos melhor.

O que vamos ver ao longo das narrativas são relatos de vida que estão muito aproximados do conceito de vida biográfica desenvolvido pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Foi a partir da literatura orteguiana que resolvemos pensar de forma prática como compreender a vida de cada autor a partir de uma concepção histórico vivencial, considerando que a vida é um acontecimento pessoal e intransferível e que no absoluto espaço da intimidade, narrar o acontecido nos ajuda a compreender as nossas contradições.

Sumário

Introdução.....	11
A biografia como método hermenêutico vivencial..	13
Narrativa I	
<i>Adriana Batista Silva.....</i>	<i>25</i>
Narrativa II	
<i>Eslane Costa da Silva.....</i>	<i>37</i>
Narrativa III	
<i>Francisco Wilson Leite da Silva.....</i>	<i>47</i>
Narrativa IV	
<i>Simone Caldas Leão.....</i>	<i>67</i>
Narrativa V	
<i>Josélia Santos Oliveira.....</i>	<i>79</i>
Narrativa VI	
<i>Mayara Sousa Oliveira.....</i>	<i>89</i>
Narrativa VII	
<i>Joseli Pereira da Silva Santana.....</i>	<i>99</i>
Narrativa VIII	
<i>Amanda Silva Araujo.....</i>	<i>107</i>
Narrativa IX	
<i>Vittor Emanuel Silva Sousa.....</i>	<i>117</i>
Narrativa X	
<i>Rosilene da Silva Costa.....</i>	<i>129</i>
Narrativa XI	
<i>Polyana Almeida Frota.....</i>	<i>135</i>

Introdução

A hermenêutica narrativa resulta do trabalho de tese do meu doutorado sobre o conceito de vida biográfica no pensamento antropológico de José Ortega y Gasset. Os textos aqui disponíveis revelam a aplicação desse método como exercício de uma compreensão de si através da narrativa dos acontecimentos que marcam a história de vida pessoal.

Compreender a si mesmo é um exercício vital que requer a disponibilidade para falar dos acontecimentos da vida pessoal que estão diretamente associados a uma série de elementos circunstanciais que facilitam ou dificultam o agir pessoal. É nesse sentido que localizamos, ao longo da coletânea de relatos, narrativas de como a vida foi pensada em torno do tema da educação, quais as vivências que seguem presentes e que, de certa forma, contribuem para o processo de reconhecimento de si.

Todos os autores dos relatos aqui publicados fazem um resgate das suas trajetórias de vida familiar, social e educacional; alguns pontuando as dificuldades que vivenciaram na infância por conta das condições materiais de seus familiares. Como

fala Ortega em sua obra *Meditaciones del Quijote*, eu sou eu e minhas circunstâncias. Não temos como ter a biografia de um tema de história de vida sem considerar as realidades que acolhem e reprimem os sujeitos que estão diretamente nelas inseridas.

Bem sabemos que são relatos de histórias muito maiores, de vivências muito mais complexas, mas o recorte do tema educação já nos assegura uma característica antropológica fundamental: a vida é um acontecimento pessoal e intransferível, permeada de lutas e contradições.

A biografia como método hermenêutico vivencial

O tema da biografia tornou-se central em minhas pesquisas sobre o pensamento antropológico de José Ortega y Gasset, ao chegar, após um largo tempo de estudo sobre as ideias do filósofo espanhol, à conclusão de que através da perspectiva filosófica orteguiana é possível pensar questões do nosso cotidiano com a mesma seriedade que temos dado às questões teórico-conceituais. A vida apresentada no sentido biográfico nos leva primeiro ao reconhecimento da individualidade, condição para iniciarmos qualquer caminho de compreensão sobre a vida de uma pessoa.

Precisamos fazer um resgate conceitual para justificar o caminho metodológico que fazemos por meio deste texto, pois, quando pensamos a vida em uma perspectiva biográfica, devemos considerar que cada indivíduo vivencia os seus acontecimentos a partir do lugar que ocupa no mundo, limitado a atuar dentro de um universo pessoal e coletivo de experiências e vivências que são intransferíveis. Sendo assim, a vida é a vida de cada um, é o que fazemos de nós mesmos ao longo da nossa trajetória existencial.

Porém, a autoria da vida não anula a alteração do viver. Isso por uma razão permanente no pensamento de Ortega: nós somos relação. Assim, a vida como acontecimento pessoal se realiza na relação com o circunstancial, pois, mesmo quando não existe o reconhecimento das interferências e indeterminações do mundo exterior sobre a nossa relação com as coisas e com a vida dos outros indivíduos, ela permanece atuando sobre nós. Por essa razão, a perspectiva biográfica de Ortega não encontra fundamento na biografia como gênero, mas como característica vital do humano.

Alguns aspectos da vida devem ser pontuados para iniciarmos a compreensão biográfica de uma vida. O passar a existir é o primeiro fato que necessita ser considerado, e isso implica saber que estamos a falar de um sujeito concreto que reconhece em si o tempo, o lugar, o outro, a memória, as limitações e as possibilidades que estão presentes em seu existir. Ortega vai denominar essa experiência incontestável de realidade radical. É inegável que o sujeito vivente está aí, presente, manifestando através de sua vida uma série de realidades outras que acolhem ou negam as demais realidades que tocam a sua individualidade. Sem esse reconhecimento não é possível falar de biografia, porque uma vida biográfica requer a dimensão da autoria.

A invenção de si mesmo é o outro momento da vida humana que insere o sujeito vivente em uma atividade existente que requer a elaboração de formas de vida. Muito próximo do existencialismo nesse ponto, até antecedendo Sartre na discussão da liberdade, Ortega nos ajuda a pensar a vida como uma condição de responsabilidade sobre o nosso agir, porque o que nos acontece se justifica no que decidimos a partir de nossa atividade criativa e, ao mesmo tempo, na forma como lidamos com as coisas que nos afetam. Existe toda uma tradição que antecede a nossa presença no mundo que, ao passarmos a existir, atua sobre nós impositivamente na forma como o mundo se apresenta por meio de ideias, crenças e fatos. É a capacidade de decidir sobre o que queremos fazer de nossa vida que nos coloca em um lugar diferente de todos os outros seres vivos. Podemos afirmar que, ao mesmo tempo em que esse é o nosso grande privilégio, é a condição sem a qual não podemos colocar o humano em um lugar diferente no universo.

É por tal razão que localizamos no pensamento de Ortega o que chamamos de uma hermenêutica vivencial. A forma como atuamos no mundo passa por um processo de compreensão de nós mesmos, do que vamos entendendo sobre o que nos acontece. Essa é uma condição vital se pensamos o humano como agente de sua história de

vida. O reconhecimento da individualidade e da responsabilidade frente a nossa história pessoal implica um processo de compreensão que possibilita ao sujeito fazer esse reconhecimento que vai além de uma subjetividade hermética. O indivíduo orteguiano é um indivíduo aberto ao acontecimento, às suas vivências, e isso só pode ser pensado na esfera relacional.

O processo de compreensão é contínuo, e aqui já anunciamos outra dimensão da hermenêutica vivencial: nenhuma compreensão é absoluta, porque a vida não está dentro de uma dinâmica linear. Vivenciar determinadas formas de vida não significa que elas garantam, consequentemente, outras formas de vida equivalentes ao que se vive no momento presente. Um determinado acontecimento nada mais é do que um entre tantos outros vivenciados pelo indivíduo. Assim, no processo de compreensão, não tem como chegarmos à definição de alguém somente por um fato isolado, ou por alguns acontecimentos, porque a vida humana possibilita uma sequência de vivências que não necessariamente têm relação entre si. Por essa razão, Ortega aponta a contradição como sendo uma categoria fundamental da biografia humana.

Ele mesmo chega a afirmar, de forma metafórica, que, se tivéssemos que falar em natureza humana, essa seria mudança. É

compreensível que não cabe aqui a categoria de natureza, pois, ao destacar que mudar é uma condição humana, Ortega nos aponta que nada é permanente, porque nada está dado na esfera da vida pessoal e tudo deve ser conquistado. Quando falamos tudo, estamos falando da história de vida pessoal, porque, mesmo considerando a dimensão temporal, o tempo não assegura a permanência de um modo de vida.

A temporalidade aparece como outra dimensão, pois a vida integra o passado, presente e futuro, mas o tempo vivencial é o tempo presente. Isso porque o momento em que nos encontramos vivendo está marcado por um passado que atua sobre nós por meio dos acontecimentos vividos que se manifestam em nossa forma de pensar e de atuar. Entretanto, o presente não é o tempo da vida humana para Ortega, o tempo do humano é o futuro, porque estamos sempre decidindo o que vamos fazer a cada momento. A vida nos lança para o futuro por uma razão bem existencial e ontológica: nosso ser no mundo não está pronto, nenhum acontecimento assegura a nossa permanência no mundo, mas atuar é uma ação constante que nos coloca como autores de nossas vidas.

Quando falamos sobre tempo, nos situamos diante de uma categoria da história e, em uma descrição biográfica, sempre nos reportamos ao

tempo vivido. Na literatura orteguiana, essa dimensão é fundamental para a compreensão do humano por entender que a vida é elaborada, por isso que não temos como compreender o humano descontextualizado da dimensão pessoal. Isso será uma das insistências epistemológicas de Ortega, a vida é pessoal e intransferível, no sentido de que não podemos compreender o humano fora das vivências. Compreender alguém significa buscar entender como essa pessoa vivenciou determinados acontecimentos, o que levou a determinadas escolhas e como passou a atuar no mundo a partir de determinadas decisões.

No processo de autoria, inserimos uma categoria da antropologia orteguiana que é a narrativa. A compreensão da vida passa por essa categoria da linguagem que expressa sentido sobre o que vivenciamos através das nossas escolhas. Não podemos esquecer que estamos diante de categorias históricas e vivenciais e que, para Ortega, falar sobre o que vivenciamos é uma necessidade vital. Estamos sempre construindo narrativas, falando constantemente do que vivemos, do que nos acontece. Essa necessidade humana de falar sobre o vivido é uma das principais características que reforçam o que apontamos como sendo papel da hermenêutica na relação com a vida. Nesse sentido, concordamos com o espanhol Meliá que a vida entendida como biografia está na base da

hermenêutica narrativa, sendo essa uma hermenêutica filosófica de corte narrativo que tem como método narrar de onde vem e para onde vai a vida de cada pessoa. Com essa perspectiva, inserimos Ortega nessa tradição filosófica, ao considerarmos que o conceito central da vida humana não é entendido em uma tradição filosófica que não tenha por base a compreensão como necessidade vital. Por isso, falamos de uma hermenêutica vivencial que em Ortega assume a narrativa como método vivencial, no qual a compreensão da vida individual passa pela possibilidade de contar o que se passa com cada indivíduo ao longo de sua história de vida.

Quando trazemos a hermenêutica como um método de compreensão, temos por objetivo trazer o tema da vida cotidiana para dentro da reflexão filosófica e destacar que o exercício da razão frente às nossas vivências nos coloca diante de questões fundamentalmente necessárias de serem dialogadas, debatidas e compreendidas. Nesse sentido, estamos de acordo com a postura de Ortega, quando ele afirma que o tema da vida biográfica deve ser visto como um tema filosófico tão relevante quanto tantos outros que ganharam espaço no mundo da Filosofia.

A razão cumpre seu papel vital de esclarecimento, porém não há uma razão absoluta, capaz de imprimir sentido fora do sujeito vivente,

mas, por meio dela, o indivíduo compreende a vida pelo fluxo contínuo entre o sendo e o deixando de ser, assim chamados por Bonilla (2002). Narrar a própria vida consiste em entender a dimensão histórica do acontecimento na relação com o vivido, recontando o acontecido em sua relação com a própria vida, isso porque a vida como acontecimento pede compreensão.

Contudo, não somente o indivíduo deve buscar compreender o seu próprio cotidiano, pois essa busca também deve ser função da Filosofia ao ter como questão primária entender o que é o cotidiano da vida, principalmente para esclarecer a dimensão histórica do humano que denota interdependência entre o sujeito e o mundo em que vive.

Associar a vida ao conhecimento significa dizer que conhecer é uma necessidade humana para situar-se no mundo e que o conhecimento não tem um fim em si mesmo quando se trata da vida, uma vez que é uma elaboração humana que surge da necessidade de compreender o acontecimento principal que marca todos os demais: a própria vida. É inevitável conhecer, porque a vida como tarefa precisa ser pensada, escolhida, e, para isso, o homem carece do uso da sua faculdade de pensar para conduzir-se no mundo, caso contrário, o seu conduzir seria automático, e isso somente seria possível se a vida estivesse completamente determinada por alguma natureza.

Em *La razón histórica* (1944), Ortega afirma que é preciso tomar contato com a vida pessoal através da filosofia da razão vital e histórica que se propõe a dar conta de pensar os assuntos da vida cotidiana, tornando possível elevar o tema da vida ao patamar de um dos mais importantes temas do século vigente. Desse modo, uma das análises de Ortega sobre a vida humana buscará descobrir a fundo o sentido que possuem muitas expressões da fala cotidiana familiar, coloquial e vernácula, nas quais se conserva acumulada a espontânea experiência da vida, o saber vital que, milênio a milênio, tem sido elaborado sem querer qualquer homem. Nessa proposta, ao partir de uma preocupação personalíssima, em que o importante é a vida de cada um e não uma concepção geral de vida, a Filosofia aparece interessada em outra forma de saber.

Pensar a vida biográfica a partir de uma razão centrada na história de vida significa considerar que, pela razão, temos acesso ao conteúdo histórico acumulado em nossas vivências. Assim, a razão histórica é a razão dedicada aos acontecimentos. Por isso, essa razão está diretamente relacionada à vida biográfica, pois, sendo a biografia o que cada um faz da sua vida, a razão adequada para pensar a vida nessa dimensão requer um lançar-se no mundo dos acontecimentos pessoais em vista de compreender como cada indivíduo vai realizando suas escolhas em um contínuo compreender a si e ao mundo em que vive.

Entretanto, não consideramos a razão histórica como método, como procedimento, mas como fundamento da compreensão humana sobre o seu próprio existir. Ela possibilita, pela narrativa, entender os acontecimentos vividos, que resultam em uma compreensão do próprio indivíduo como sujeito histórico. O método que adotamos é o de uma hermenêutica narrativa através do qual os indivíduos passam a contar suas vivências por meio de um resgate histórico que lhes proporciona um universo de compreensão de si e do seu entorno.

Partindo das categorias aqui apresentadas, ousamos fazer um exercício que aparece em forma de relato autobiográfico, no qual os autores tiveram a oportunidade de se manifestar por meio de narrativas escritas acerca de suas vivências educacionais. Depararmo-nos com cada história significa entender como cada vida aqui relatada foi sendo e está sendo elaborada a partir do seu universo vivencial e circunstancial. Não é um exercício psicológico no sentido de como esses sujeitos foram afetados em suas emoções e como reagiram a cada situação, mas de compreendermos como cada um foi realizando as suas escolhas a partir do reconhecimento da sua realidade pessoal e circunstancial, que assim como toda e qualquer vida humana, é marcada por inúmeras contradições.

Autobiografias



Escola Lourival Coelho, Bela Vista - MA.

Narrativa I

Adriana Batista Silva

Através desta narrativa, busco fazer um resgate da minha trajetória de vida destacando cinco momentos que considero fundamentais para compreender a minha biografia educacional.

Na primeira parte, faço um resgate histórico de alguns acontecimentos da minha história de vida, narrando alguns acontecimentos da minha

infância, entre eles: nascimento, naturalidade e alguns dramas familiares. Na segunda parte, resgato um pouco da minha trajetória de vida até chegar a minha família atual. Feito isso, apresento como foi a minha vida escolar para chegar à universidade. Finalizo relatando um pouco os meus sonhos e anseios futuros.

Trajetória pessoal

Eu, Adriana Batista Silva, tenho 35 anos, nasci no dia 30 de junho de 1983, na cidade de Bela-Vista, no estado do Maranhão. Minha mãe, Maria Emar Batista Silva (in memoriam); meu pai, não conheci. Tenho duas irmãs, Raimunda Nonata e Albertina. As duas são minhas irmãs por parte de mãe, minha irmã mais velha tem 42 anos, a do meio tem 40. Minha mãe morreu quando eu tinha apenas três anos de idade, devido a uma complicação na hora do parto de um irmãozinho que também morreu na mesma ocasião. Fomos criadas por minha avó, que se chamava Maria Clemencia da Conceição, também já falecida.

Minha avó era casada com meu avô, Domingos, que também faleceu quando eu tinha 4 anos de idade. Eu o chamava de pai, pois era a única figura masculina que eu tinha na minha família. Morávamos em uma cidade pequena do interior da baixada maranhense, chamava-se Bela-Vista de

Baixo, pois, logo mais acima da cidade, havia uma outra Bela Vista, chamada Bela-Vista de Cima. Quando minha mãe morreu, minha avó me entregou para minha madrinha me criar, mas passei pouco tempo com ela. Um dia minha vó foi levar um pedaço de melancia para mim, eu quis voltar com ela para casa, então ela me levou de volta, e pouco tempo depois meu avô faleceu e mudamos para a Bela-vista de Cima, onde morava um dos filhos mais velhos de minha avó, que se chama Alfredo, que passou a ocupar o lugar da figura paterna da família.

E assim fui crescendo, naquela pequena cidade. Umas das lembranças que eu tenho é de meu tio que cortava meu cabelo de franja, me recordo de me parecer com uma índia.

Quando criança, sofri um desmaio e, ao retornar, estava deitada em uma rede com muitas pessoas ao meu redor e um defumador de café em volta de mim. Minha avó disse que eu tive aquela doença velha que dá em criança, mas eu nunca soube o que de fato eu tive.

Não tive muito contato com minhas irmãs, porque a mais velha vivia no mundo, era assim que minha avó falava, e minha outra irmã foi criada por uma família conhecida e só eu restei.

Minha mãe, antes de morrer, pediu a minha avó que cuidasse de mim, ou me desse para minha madrinha. Fiquei com minha avó e fui criada com

muito amor e dedicação. Mas, desde cedo, trabalhava para ajudá-la. Aos sete anos, eu já cuidava da casa e fazia outras atividades, como quebrar coco babaçu, plantar mandioca, ir para o brejo lavar roupa, catar castanha de caju para ganhar dinheiro, plantar feijão e plantar e colher milho. Além disso, eu também fazia farinha nas casas de farinha de mandioca.

Sempre gostei de ir à igreja. Fiz minha primeira Eucaristia e ia à catequese. Missa era uma vez no mês, mas quando tinha era a melhor coisa que acontecia.

Sempre gostei de brincar de ser professora, de boneca, de esconde-esconde, de pular corda, de cair dentro do poço, de boca de forno e muitas outras. Na minha infância, eu trabalhei e brinquei muito, era muito sapeca. Na minha casa, não tinha água encanada, era preciso buscar água no poço e, quando eu ia pegar água, deixava o balde na beira do poço e ia brincar, quando demorava a voltar para casa, minha avó vinha com um pedaço de madeira na mão atrás gritando: “Adrianaaaa!!”. Todos os vizinhos já conheciam essa história.

Como eu tinha que cuidar da casa, às vezes, ia para a roça, ou para a “solta”, como era chamado o lugar onde pegávamos coco babaçu para quebrar. Quase não brincava, mas brincava nos intervalos. Eu tinha três amigas: Shirlei, Maria da Paz e Elenilde. Quando não estávamos brincando, íamos

para o brejo raspar buriti para o irmão da minha amiga Elenilda vender. Ele fazia doce de buriti para vender e nós ganhávamos alguns cruzeiros na época. Eu achava a melhor coisa, porque desde sempre gostei de trabalhar, e isso eu aprendi muito com minha avó.

Lembro que, quando comprava o botijão de gás, tínhamos que economizar. Então ela ia para o mato atrás de lenha para fazer carvão, e eu ia para uma usina de arroz buscar saco de palha de arroz na cabeça para queimar as lenhas para fazer carvão, fazer “caeira”, e andava nas ruas com saco de palha de arroz na cabeça. Isso quando ela não me colocava para ir buscar estrume de boi para fazer o canteiro para plantar cheiro-verde, cebolinha e couve. Eu não era nem doida de dizer não, se dissesse, apanhava.

Em uma dessas buscas de estrume, achei um cachorro embaixo de uma casa de forno de fazer farinha, ao lado do curral, e levei para casa. Minha avó não queria, mas eu insisti e ela deixou que eu ficasse com ele. O cachorro cresceu sem nome e, quando chegava alguém lá em casa e perguntava o nome do cachorro, minha vó dizia: “Não tem nome!”. E, um dia, de tanto perguntarem, ela disse: “O nome dele é Sem nome!”. E assim ele ficou conhecido.

Eu também gostava de assistir televisão. Mas, na casa da minha avó, não tinha televisão,

então eu ia para a casa dos vizinhos assistir, gostava de assistir desenhos, Xuxa, Sílvio Santos, e sessão da tarde, mas meu desenho favorito era a Caverna do Dragão. Muitas vezes, ia para a escola e ficava pelo meio do caminho para assistir.

Quando eu completei os meus dez anos de idade, fui para uma casa trabalhar de babá nas férias. Ninguém lá em casa queria que eu fosse, mas eu insisti tanto que o meu tio e minha vó deixaram. Queria mudar de cidade para trabalhar e estudar.

Trajetória educacional

Dos meus 6 aos 7 anos, fui para a escola. Na época, estudava a cartilha e a tabuada na base da palmatória, quem errava as contas levava palmatória – deve ser por isso que eu não gosto de matemática. Cheguei muitas vezes em casa com as mãos e as pernas roxas. Meu tio mandava a professora me bater para eu estudar. Na quarta série, repeti de ano devido à Matemática. Meu tio pagou uma professora para me dar aulas, mas só fui duas vezes, porque ela me colocava para responder no quadro e eu tinha medo de errar e os outros rirem de mim. Então, por conta disso, repeti de ano e levei uma surra. Foi aí que comecei a querer ir embora de casa, tentei fugir duas vezes, mas fui pega. Pedi para fazer um curso de computação, e o meu tio me colocou para fazer

datilografia, mas eu não queria, fui poucas vezes, e desisti. Novamente apanhei por conta da desistência.

Foi quando conheci um senhor que morava em Bom Jesus das Selvas, que apareceu à procura de meninas para trabalhar em casa de família, e eu e uma colega fomos. Minha avó não queria deixar, mas era impossível eu permanecer ali, eu queria ir para a cidade grande. Fui com essa amiga e esse senhor, mas não permaneci lá, pois não era nada do que eu pensava. Fiz amizades com outras pessoas que me trouxeram para trabalhar de babá em Imperatriz. Quando cheguei, não me deixaram estudar, então não permaneci por muito tempo. Passei a morar com uma prima, mas também ela me privou de estudar, por isso fui morar na casa da sogra de uma amiga, para poder trabalhar e estudar. Depois, me matriculei em uma escola no bairro chamado Vila Nova, estudei lá um ano e saí, porque fui morar em outro bairro chamado Vila Lobão, e passei a estudar em uma escola no Centro que se chama Mourão Rangel, onde terminei, aos dezessete anos, o meu Ensino Fundamental supletivo, da quarta série até a oitava, em dois anos.

O Ensino Médio, eu cursei na modalidade supletivo, em dois anos, na Escola CEJA, Centro Educacional de Jovens e Adultos. Já havia mudado de casa, estava trabalhando como empregada

doméstica em uma casa de uma senhora que me ajudou a estudar. Nesse caminho percorrido, saí da casa dessa senhora e fui morar com outra família, trabalhando como babá. Comecei a fazer o vestibular da UEMA, passei para fazer Administração, mas não consegui cursar, porque descobri que estava grávida do meu namorado da época.

Engravidei aos meus 23 anos e assumi sozinha a minha filha, Maria Clara Silva de Araujo. Não me arrependo, pois ela foi um grande presente de Deus na minha vida. Eu sempre quis ter a minha família, mas nunca me imaginei com um filho fora do casamento e nunca desejei ser mãe solteira —tinha medo de repetir a história da minha mãe.

Moro na casa de uma família há 18 anos, eu e minha filha, onde trabalho como empregada doméstica. Nunca mais voltei para a antiga cidade onde morei; depois de alguns anos, fui lá para visitar minha avó que estava doente e retornei para Imperatriz. A última vez em que estive lá foi no velório da minha avó.

Mas ainda me faltava algo, queria casar, queria minha casa, queria fazer uma faculdade, mas não podia pagar. Fui fazer um curso técnico de estética, mas trabalhei pouco tempo na área, continuava trabalhando como doméstica e cuidando da minha filha. Nessa minha trajetória de vida com minha filha, aproveitei bastante, viajei, curti muito

com ela. Nessas viagens, fui para São Paulo, Rio de Janeiro, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Búzios, Curitiba, Goiânia, Anápolis. Uma das viagens mais legais foi quando fomos para o Rio de Janeiro. Lá aproveitamos as férias ao máximo e conhecemos vários lugares lindos, inclusive as praias de Copacabana e Ipanema. Fomos também para o litoral, Arraial do Cabo, que é conhecido como o Caribe brasileiro, foi tudo maravilhoso, curtimos cada segundo ali vivido. Nessa família com que moro, cuidei de uma linda criança, que eu amo e por quem sou apaixonada, a Sara, que hoje tem 18 anos e está na faculdade.

Trajetória acadêmica em construção e lutas

Há 4 anos, comecei a fazer ENEM. A cada ano, era uma luta constante, desânimos, frustrações. Era o meu dilema, mas eu não desistia, eu sabia que um dia conseguiria chegar aonde queria, entrar para uma Universidade Federal.

No ano de 2018, fiz novamente o ENEM. Prometi a mim mesma que daquele ano não passaria e eu iria conseguir fazer uma faculdade, mas não consegui entrar na primeira chamada, fui para lista de espera. Estava ansiosa à espera de uma vaga, mas não queria qualquer curso, eu queria licenciatura, coloquei para Ciências Humanas/

Sociologia. Então, enquanto não saia a minha vaga, fui tentar uma bolsa na particular. Corri, briguei e lutei até conseguir uma bolsa integral na faculdade CEUMA, curso de Administração, mas eu ainda não estava feliz, porque não era aquilo que eu queria, eu queria ser federal. Foi quando saiu a segunda lista de espera e meu nome estava lá, segundo da lista, a felicidade foi uma só, não pensei duas vezes, cancelei minha bolsa e fui fazer minha matrícula. Hoje, para mim, tem sido a melhor das experiências estar cursando uma graduação. Cada dia tem sido um desafio, cada semestre uma nova conquista, uma etapa vencida.

Na Universidade Federal, estou tendo experiências que nenhuma outra faculdade me daria: participo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). É nas escolas que estou me realizando e concretizando um sonho de criança, o de ser professora.

Na Universidade, todo dia é uma batalha. Algumas disciplinas, para mim, ainda são uma luta, tenho dificuldade, pois a base que eu tive no Ensino Médio não foi muito boa. Procuro me esforçar ao máximo para conseguir chegar ao meu objetivo final.

Descobri, depois de muitos anos, que minha mãe, quando estava grávida de mim, teve uma doença chamada toxoplasmose, doença essa que atingiu um dos meus olhos. Depois de muito ir ao

oftalmologista, ele disse que eu tenho uma deficiência em um dos meus olhos, que jamais conseguirei ver com ele, pois havia uma cicatriz dentro do olho, já que a doença se curou sozinha, e que eu poderia ter corrido o risco de não ter nascido, e até ter nascido com uma deficiência. Ele me disse também que eu não poderia ficar mais de duas horas lendo e, para completar, tenho uma infecção crônica na visão que preciso tratar todo ano para não cair os cílios. E isso, para mim, foi um dos maiores desafios a superar, pois a dificuldade de ler atrapalhou muito os meus estudos. Mas tenho vencido a cada dia, e a luta continua.

Anseios futuros

Enfim, no momento atual da minha vida, posso dizer que sou muito amada por Deus. Minhas lutas não foram fáceis, ainda estou no meio do caminho, meus desejos são muitos, sonhos infinitos, a começar por uma das partes mais lindas da minha vida, um sonho que Deus plantou em meu coração, que foi durante anos alimentado com muitas orações: conhecer um homem que fosse enviado por Deus, que me amasse e que cuidasse e respeitasse a mim e a minha filha. Ele me mandou o Fernando, meu noivo. Eu o conheci dois anos atrás e há um ano estamos noivos, no dia 27 de julho de 2019, será o casamento.

A realização de um sonho, casar-me com o homem da minha vida, construir uma família, vencer os obstáculos e as circunstâncias da vida juntos, futuramente me formar, trabalhar no que eu sempre sonhei e continuar minha vida religiosa, na minha igreja onde sou catequista e também tenho grandes amigos de fé, a igreja onde futuramente será realizado o meu casamento, a igreja São Francisco de Assis, lugar onde iniciei minha filha na vida cristã.

Pretendo também ser empreendedora de sucesso, pois vendo cosméticos e amo vender esses produtos, os quais vendo para complementar minha renda. Pretendo não ficar mais tempo trabalhando como empregada doméstica. Em breve, estaremos em nossa casa, um sonho realizado com muito esforço. Acredito em Deus e sei que tudo que somos e temos conseguimos é pela fé.



Narrativa II
Eslane Costa da Silva

Eslane Costa da Silva

A história a ser contada é uma narrativa de vida que está marcada por uma forte vontade de viver. De início, o que posso dizer é que tudo vem sendo construído ao longo de 27 anos. Por esse motivo, resgato acontecimentos que marcam a minha história de vida que tem como grande acontecimento o meu nascimento em 15 de outubro de 1991, nascida de Joaquim Alves da Silva e Elianay Gomes da Costa.

Trajetória pessoal

Sou oriunda de uma família humilde, de um pai vendedor de tapioca e de uma dona de casa que tiveram dois filhos, eu e meu irmão Hernandes. A tapioca faz parte da minha história, pois, até hoje, dela vem parte do sustento da minha família. Minha mãe, por ter uma saúde frágil, sempre ficou restrita aos serviços domésticos.

Nossa casa era muito pequena, dividíamos o mesmo quarto, pois tínhamos apenas sala, um único quarto e um pequeno corredor que servia como cozinha. Tínhamos muitas dificuldades financeiras, mas sempre recebíamos uma ajuda do meu avô Lourenço.

Mesmo diante de muitas dificuldades, minhas recordações da infância são marcadas por lembranças muito felizes, de muita alegria e diversão. Eu nunca presenciei discussões violentas entre meus pais, o que tenho como recordação é um ambiente marcado por muito afeto. Como toda família, tínhamos os nossos problemas, mas nada que nos afetasse de forma negativa. Talvez o fato de sermos unidos e calmos no sentido de convivência tenha colaborado muito para a minha personalidade e do meu irmão.

Não que eu tenha sido ou seja sempre calma. Quando criança, eu era muito levada, como se diz no Nordeste, “atentada”, uma menina com

comportamentos mais masculinos, o que, em dado momento, incomodou, e muito, a minha mãe. Brigava muito na escola, não era sempre, mas quando provocada, eu revidava. Uma lembrança que me chama a atenção é a de que minhas brigas sempre foram com meninos. O jeito e a postura de superioridade dos homens me incomodam, e isso me fazia ir contra comportamentos autoritários.

Realmente, eu era muito levada. Desde a 1ª série, já protegia meu irmão e meu primo das ameaças dos outros garotos. Lembrar disso é muito engraçado, pois era tão evidente uma postura viril que, quando tinha 10 anos, levava meu irmão e meu primo para aula de reforço, pois eles tinham medo dos garotos da rua. Era uma garota diferente do convencional das meninas, gostava de futebol ao invés de bonecas, aliás até hoje não suporto bonecas, mas era só o que eu ganhava de presente, talvez isso tenha me traumatizado. O dia mais feliz na minha infância foi quando ganhei um diário, ter um caderno e uma caneta foi algo emocionante, pois me sentia realizada, protegida, era confiante desse diário, era feliz em escrever nele. A partir daí, sempre soube que tinha um gosto peculiar, escrever e analisar as pessoas era algo interessante. Escrevia tudo que percebia do mundo a minha volta, era feliz em fazer isso.

Entre os 10 e 12 anos, eu tive um *hobby* diferente. Meus pais nunca incentivaram os filhos a estudarem muito, era apenas o básico, exigiam apenas que fossemos para a escola e tirássemos boas notas, nada além disso. Então, por conta própria, toda noite, eu lia o dicionário Aurélio que ganhei na escola. Achava muito divertido ler as palavras difíceis e engraçadas e saber o significado de cada uma delas, saber que as palavras tinham mais de um significado era prazeroso, achava bonito ler. Foram dois anos tendo esse hobby, mal sabia que me ajudaria na minha primeira graduação.

Trajetória educacional

Sempre gostei de ler e estudar. A vida inteira, estudei em escola pública, exceto a alfabetização, pois meus pais pagaram uma escolinha perto de casa que se chamava Caminhos do Saber, na época, a mensalidade era de 15 Reais. Com quatro anos, aprendi a ler, tinha bom rendimento. Meu grupo de amiguinhos era composto só por meninos, meu irmão Hernandes, e os irmãos Jairo e Jarder, nossos pais eram amigos. Inclusive eu continuava a proteger os meninos, pois os outros tinham medo de mim. É muito cômico lembrar disso.

Era tão levada que, em uma dessas travessuras, furei o olho de uma colega com o lápis. Em outra ocasião, joguei um coleguinha sobre a mesa e ele sangrou. E, certa vez, convidei uma colega para pegar o lanche de uma outra e, no final, quando descobriram, eu joguei a culpa na colega. Não tenho orgulho disso.

Nessa escolinha, era permitido à professora puxar a orelhinha dos alunos, eu chegava em casa com a minha quase sempre vermelha. Em casa, meu pai ensinava matemática com a famosa palmatória, mas não como um ditador, ele me ensinava brincando, mas o castigo era a palmatória. Eu e meu irmão achávamos bom esticar a mão e pegar uma palmada, pois era divertido como meu pai brincava.

Na escolinha, quando estudava a alfabetização, era muito danada e quase sempre era punida pelas professoras. Os motivos eram sempre por briguinhas com os colegas, pois, em termos de estudos e conteúdo, era uma boa aluna; tinha uma letra elogiada e aprendi a ler antes dos outros coleguinhos. A professora tinha um misto de emoção, ora de raiva de tanto puxar minha orelha, ora de felicidade, pois me destacava nos conteúdos, exceto Matemática. Quando saí da alfabetização, fiz a 1ª série em uma escola chamada Sinopse. A experiência não foi muito boa, pois o lugar parecia uma prisão.

Já na 2ª série, no meu bairro, o Bom Sucesso, tinha uma escola chamada Raimundo Soares da Cunha. Era difícil encontrar vagas, as crianças eram submetidas a testes, e eu, como todas as outras, fiz esse teste, eram apenas 6 questões, passei e minha família ficou feliz. Boa parte da minha vida escolar, foi nessa escola, pois estudei da 2ª série do Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Essa vivência de estudar por muito tempo em uma única escola foi muito positiva.

Ao longo dos anos nessa escola, fui uma aluna mediana, sempre ficava de recuperação em matemática, mas tinha um boletim razoável em relação às notas, gostava muito de História no Fundamental e, no Médio, gostava de Filosofia e Sociologia, muito embora fossem ministradas sem atrativos, e eu era boa com apresentação de trabalhos. Não tinha muitos amigos ou amigas, meu círculo de amizades era sempre restrito a, no máximo, quatro amigos.

Foi uma vida nessa escola, o amadurecimento, o primeiro beijo, as primeiras danações de uma vida adolescente. Gostava muito dos esportes, era atacante no futsal e líbero no vôlei, competia nos times dos dois esportes da escola chegando a ganhar medalha de ouro nos jogos escolares. Mesmo gostando muito da parte esportiva, fui

obrigada a sair por decisão do meus pais, após se tornarem evangélicos. Então comecei a jogar escondida e a montar times pelo bairro para jogarmos em um campo que ficava próximo a minha escola.

Sempre gostei de jogos, de disputar, na dama jogava com os senhores da minha rua, ganhava várias vezes e perdia outras. A decisão do meu pai fez com que eu desenvolvesse um desafeto com a religião, pois me sentia presa pelas ideias dele: era proibida de jogar e de usar certas roupas. Era muito difícil lidar com essa imposição, porque me via tolhida na minha liberdade. Superei essa situação com a ajuda de alguém muito importante na minha vida, que me mostrou o mundo que eu necessitava conhecer, mas do qual era privada por conta da religião e da família.

Em suma, a vida escolar foi boa, notas razoáveis, no Ensino Médio, tive um bom comportamento, como todo mundo já sabia como eu era, ninguém mais tirava sarro de mim, então não precisei mais ser brigona. Tive alguns namorados entre os 13 e 14 anos. Em 2007, conheci uma pessoa muito especial que contribuiu muito para uma mudança na minha vida, principalmente influenciando a qualidade dos estudos.

Ainda em 2007, saindo da escola, uma amiga insistiu para me levar na *lanhouse*. Ela insistiu bastante, pois queria me apresentar alguém, de

tanta insistência, aceitei. Lá chegando, apresentou-me pelo *mensseger* a um rapaz chamado Daniel Filho, na época ele tinha 19 anos e era extremamente tímido, muito sucinto nas palavras. Ao ver a foto desse rapaz, fiquei extremamente encantada, senti algo novo e diferente, e sequer tinha trocado um oi com ele, mas fui impulsionada a fazer isso, pois sentia uma vibração com aquela foto no aplicativo.

Então, assim eu fiz, comecei a conversar com ele, mas ele era tão tímido que mal me respondia, o que me deixava mais interessada nesse rapaz misterioso e de poucas palavras. Ao longo de 15 dias de conversas, nos conhecemos. Eu residente de um bairro periférico e de família humilde, e ele morador do centro da cidade e de família de classe média. Em 28 de abril de 2007, nos conhecemos, fruto das minhas atitudes de insistência para esse encontro acontecer, pois, embora soubesse e sentisse que ele queria, ele não tinha coragem para esquematizar o encontro.

Desde aquele sábado, não paramos mais de nos ver. Daniel me incentivou a estudar, me ajudava com o material de estudo, dizia que eu me daria bem no universo acadêmico. No terceiro ano de namoro, ele foi aprovado em Administração pela UEMA, no ano seguinte eu

também fui aprovada no curso de Pedagogia. As ajudas continuaram, tinha dificuldade no início em algumas disciplinas, mas ele sempre dava um jeito de ajudar, seja com outro material mais claro, ou com qualquer forma de auxílio.

Diferente do Ensino Médio, na faculdade fui uma excelente aluna, gostava demais da minha primeira graduação, notas excelentes. Eu me identifiquei bastante com o universo acadêmico e, mesmo depois da minha primeira graduação, continuei estudando com o propósito de aprofundar meus conhecimentos.

Anseios futuros

A meta é trilhar novos caminhos nos estudos, fazer um mestrado e um doutorado. Sei a dificuldade, pois são necessários tempo e disposição para isso, mas que assim seja, espero um dia poder conquistar essa meta, que só depende de mim mesma. Um anseio bem diferente e, embora pareça ser imposição social, digo com muita naturalidade que não é imposição, nem cobrança, mas vontade e desejo, tal desejo anda comigo desde a juventude, sonho em um dia ser mãe, particularmente é lindo o processo de uma gravidez, como a educação se desenvolve e como a influência direciona como o indivíduo pode vir a ser em uma sociedade. Isso

me faz lembrar de Schopenhauer, quando se refere ao amor como forma única de procriação, talvez ele esteja certo para alguns, ao menos para algumas mulheres que, como eu, desejam e têm essa vontade.

E, nesse sentido, é possível dizer que a vida é pura construção, é uma contínua mudança. Acredito que conhecer a si mesmo é uma das experiências mais desafiadoras e enriquecedoras da vida. Sou grata por saber buscar e a cada dia encontrar, existindo e coexistindo ao lado de pessoas que me fortalecem diariamente.



Regência de estágio supervisionado na turma do 1º ano do ensino médio no CE Raimundo Soares da Cunha, 2019.

Narrativa III

Francisco Wilson Leite da Silva

Trajetória pessoal e familiar

Segundo filho entre cinco irmãs e mais dois irmãos, um deles adotado ao nascer, filho de uma dona de casa e de um pedreiro, nasci no Bairro Vila Lobão em Imperatriz-MA, em 21 de abril de 1977. Em 1982, a família chegou ao bairro Boca da Mata,

entre os bairros do Planalto e Bom Sucesso, onde reside até hoje boa parte dos filhos.

Na época do surgimento do bairro, meu pai, Sr. José Peixoto, resolveu montar uma padaria, por já ter trabalhado em uma de propriedade de um tio por parte de mãe. Nessa época de surgimento do bairro Boca da Mata, a padaria era a única no raio de um quilômetro. Moradores vinham até de bairros distantes atraídos pelas “bisnagas” e pelo pão de metro que só essa padaria fazia e pelo sabor dos pães produzidos de forma artesanal. Nela, trabalhavam meu pai, responsável pela maioria das tarefas de produção; minha mãe, que fazia a modelagem manual dos pães; e meu irmão e eu, que ficávamos com as tarefas de preparar a lenha para aquecer o forno de barro e organizar os pães nas formas para a fermentação até a hora de ir para ao forno. Das divisões das tarefas, dependia o sucesso do trabalho, mas também era uma forma de não acumular para nosso pai. Foram dez anos com uma renda bastante estável.

O cenário começou a mudar com a chegada da máquina modeladora, que produzia o “pão industrial”, barateando o preço do produto e retirando o sabor. O pão industrial se tornou uma febre entre os consumidores pela novidade e quebrava as padarias “caseiras” já existentes em quantidade nos bairros próximos.

Durante essa época, várias vezes, meu irmão e eu dormimos de baixo mesa do cilindro após o término do trabalho para aguardar a hora de assar. Quando a primeira fornalha de pães saía, nosso pai nos acordava com o café já feito e com a manteiga posta para comermos pão quente saído do forno.

Passada essa fase de “vacas gordas”, fechamos a padaria depois de muita insistência, pois a produção só atendia o consumo da família. O pai voltou à profissão de pedreiro, sempre com minha ajuda e do meu irmão. Reconhecemos ainda hoje muitas casas construídas por nós três, do alicerce ao acabamento. Algumas cicatrizes pelo corpo são decorrências do trabalho, servem de testemunho do labor aprendido lado a lado com o meu pai. Trabalhamos com ele até fazermos nossas escolhas profissionais, no caso, passei a trabalhar no ramo de informática e internet.

Trajetória educacional

Comecei minha vida de estudante aos nove anos (1986) — por ser pequeno, meus pais relutavam em me matricular na escola —, na Escola Municipal Santa Tereza, localizada no bairro São José, onde cursei da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Por ser o menor da turma de 4ª série, ficava sempre à frente da fila como “porta-bandeira” para a execução do Hino Nacional,

prática comum naqueles tempos. Em todas as festas da escola, meus pais contribuíam com pães feitos em formato de animais, o mais perfeito era no formato de “jacaré”.

Em 1990, tive que me transferir para a Escola Raimundo Soares da Cunha, localizada no Bairro Bom Sucesso. Lá cursei da 5ª série do Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, antigo segundo grau. A sala da 5ª série ficava na parte baixa do prédio da escola e a cada degrau acima ficava uma sala de uma série superior. Naquela época, um grupo de colegas que chamávamos de “quarteto de cinco” — Ezequias, “o bezerro”, Gilclean Vieira, Ronildo Marques, Cleudionor Macedo e eu —, durante o horário do recreio, saía para “explorar” as salas das séries superiores. Entrávamos e fazíamos uma “vistoria” na sala, com o objetivo de deixar uma mensagem aos alunos da sala, algo como: “Nos aguardem, ano que vem estaremos aqui!”. Mas também competíamos entre nós para ver quem tirava a maior quantidade de “notas 10” nas disciplinas, com maior ênfase na disciplina de Matemática, matéria em que se destacavam: Ezequias, Ronildo e Gilclean. A maior parte do grupo — quarteto de cinco — se manteve junto até a sétima série, mas havíamos perdido Cleudionor, que ficou reprovado no sexto ano, e, logo depois, sua família retornou para o Piauí.

Nessa mesma época, passei a treinar artes marciais, estilo TAE-CHUAN-DO na técnica TIAO-SHIN-CHAN. Integrei a comissão da academia de karatê que organizou o seu aniversário de 3 anos. A tarefa dessa comissão era buscar patrocínio para financiar a festa. Fomos em busca de políticos e empresários da cidade que pudessem contribuir de alguma forma. Um desses políticos, que visitamos em sua casa, foi o então vereador Francisco Fiin, já falecido. Conseguimos levantar os recursos suficientes, inclusive para confeccionar uma forma para o bolo gigante em formato do YING-YANG, esse bolo foi assado no forno da padaria da minha casa. Após confeitado, gerou surpresa pelo tamanho e formato. Após um ano e meio de treinamento, cheguei à graduação de faixa roxa, a antepenúltima para a faixa preta. Foi então que tive que abandonar a academia, porque comecei a priorizar mais os treinamentos do que a escola e já começava a tirar nota vermelha em várias matérias.

Foi na transição para o Ensino Médio que o grupo se dispersou. A maioria se transferiu para outras escolas vespertinas no Centro, mas eu permaneci na escola no período noturno. Antes de confirmar a matrícula no Raimundo Soares da Cunha, também tentei vaga no curso de Educação Geral na escola Graça Aranha, mas não fui selecionado e acabei escolhendo, entre os cursos técnicos de ensino médio disponíveis, o Técnico em Administração.

Os três anos de ensino médio foram, no mínimo, inusitados, pois na estrutura do curso o professor da disciplina de Matemática assumia outras disciplinas como Filosofia, Geografia e Administração, entre outras. Mesmo com todas as dificuldades, consegui me destacar nas notas ou na participação nas aulas.

Quando veio uma seleção de estudantes para disputar estágio no Banco do Nordeste do Brasil — BNB, eu não estava entre os indicados pela direção. Vários professores questionaram a diretoria devido ao meu excelente desempenho como estudante e, por causa desses questionamentos, fui indicado e selecionado. Minha ausência se justificava pelo posicionamento crítico da gestão, mas acabaram me indicando graças à pressão dos professores. Fui selecionado pelo banco e cumpri dois anos de estágio.

Durante o Ensino Médio, após uma articulação da União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES) – que tinha entre os seus dirigentes membros do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Democrático Trabalhista (PDT), dentre os quais destaco Giancarlos, do PDT, que viria a ser, anos mais tarde, o vice-prefeito na gestão de Sebastião Madeira/PSDB (2009 – 2012) –, participei da organização da eleição de delegados para o 32º Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundarista-UBES, realizado na cidade

universitária em Juiz de Fora — MG, em 1997. A delegação de estudantes secundaristas de Imperatriz foi composta de Cleumir Pereira, que atualmente é pedagogo no IFMA; André Barata, também professor de Língua Portuguesa do IFMA; Carlos Hermes (vereador em segundo mandato do PCdoB em Imperatriz)— estes dois últimos militavam, à época, na juventude do PT —; e eu, como simpatizante do Partido dos Trabalhadores.

Em um momento de disputa para a vaga no Colegiado Escolar, montamos uma chapa com Jean Aparecido que era do curso de Técnico em Contabilidade. Durante o processo de campanha, a outra chapa, que era bem-vista pela direção e liderada por um exímio dançarino, em um debate promovido pela direção, apresentou como proposta que, caso fosse a escolhida, faria a distribuição de balas no intervalo do recreio. O resultado foi uma votação esmagadora para a chapa apoiada pela direção.

O curso de Técnico em Administração me possibilitou uma vaga de estágio por dois anos no BNB, onde iniciei minha vida profissional até a conclusão do Ensino Médio.

No período do Ensino Médio, realizávamos uma festa do Dia dos Namorados no clube do bairro, Clube Asa Norte. Em uma dessas festas, Joelma Nunes, colega de turma, resolveu fazer o papel de cupido, me aproximando de Irisnete.

Disputada por um professor, fiz uma aposta com os colegas de que a namoraria antes que o professor conseguisse o seu intento.

Passamos a namorar no segundo ano e continuamos após a conclusão do Ensino Médio. Logo após, ingressei no Centro de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET) — hoje Instituto Federal do Maranhão (IFMA) — na primeira turma do curso de Eletrônica (1998), na modalidade pós-médio. Nessa época, eu trabalhava como recepcionista noturno em um hotel do Centro enquanto concluí o curso técnico em Eletrônica no IFMA. Em julho 1999, já com quatro anos de namoro e com a gravidez de nossa primeira filha, Ariany, confirmamos a união. Nos anos seguintes, viriam Thamires e as gêmeas Lailla e Rayara.

Comecei formalmente como estagiário no Banco do Nordeste — via indicação da escola. Eu estagiava no núcleo operacional e era responsável por fazer conexão de internet, na época, via modem discado, e realizar o *download* da movimentação bancária da agência. Mas, como estagiário, qualquer que fosse a solicitação dos funcionários, eu estava lá para atender/aprender e foi o que fiz durante o período contratual do estágio.

Passei por um período só ajudando meu pai nas empreitas em reformas e construções pela

cidade e fazendo bicos com meu irmão, quando tinha trabalho na empresa de fabricação de móveis em que ele trabalhava.

Durante um desses trabalhos com meu irmão, na montagem da mobília dos apartamentos do Imperatriz Residence Hotel, conheci o gerente do hotel que, ao saber de minha passagem como estagiário no BNB, que ficava no mesmo quarteirão do hotel, me convidou para o cargo de recepcionista noturno. Foram dois anos entre o IFMA e, após as aulas, o trabalho que se iniciava às 22h, em regime de trabalho 12/36.

Na busca de vaga de estágio para a conclusão do curso no IFMA, passei a estagiar durante o dia na Júpiter Internet, estudando e trabalhando à noite. Concluído o curso, fui convidado pelos sócios da Júpiter para pedir demissão do hotel e passei a exercer a função de técnico em internet.

Após um ano trabalhando como técnico de internet surgiu uma seleção para técnico em informática do *Shopping Cidadão* — hoje VIVA CIDADÃO. Após concorrer à vaga com vários candidatos, entre eles um colega da Júpiter, fui selecionado e trabalhei por cinco anos (2001–2005) em uma empresa terceirizada que prestava serviços a esse Órgão do Estado na Central de Processamento de Dados-CPD, dando suporte aos servidores dos diversos serviços que funcionavam no órgão.

A jornada de trabalho no Viva Cidadão era de seis horas corridas, o que me deixava horas livres durante o dia, ocupadas sempre com prestação de serviços para a Júpiter, geralmente fora do expediente da empresa, no suporte aos clientes.

Com três anos, em 2005, a Júpiter fez uma proposta salarial, que me fez voltar para a empresa não mais como técnico em informática, mas como técnico de suporte a programas de informatização pública (sistema de folha e contabilidade). Nessa função, fiquei até 2015, com alguns intervalos, para participar de processos eleitorais como candidato. Na última recontratação, em 2013, voltei à empresa no setor de sistema para administração pública, que foi desativado logo depois. Com o conhecimento adquirido sobre folha de pagamento, atuo até hoje na empresa, o projeto mais atual é o desenvolvimento de um *software* próprio para folha de pagamento. Minha contribuição no desenvolvimento do programa está na análise das rotinas e nos cálculos trabalhistas.

Em 2004, apesar de nunca ter sido filiado formalmente ao PT, era simpatizante e eleitor, mas decidi romper após a política desenvolvida logo no primeiro mandato de Lula. Daí, ajudei a fundar o Partido Socialismo e Liberdade — PSOL em Imperatriz, coletando assinaturas para a formalização da sigla em parceria com Cleumir Leal e Márcio Mosiel — ex-militantes do PT —, além de estudantes, trabalhadores

do comércio, professores e economistas. Com a formalização, figurei como dirigente da sigla, assumindo o papel de apresentar a sigla e seu programa aos trabalhadores, além de representar o partido junto aos veículos de imprensa e à Justiça Eleitoral.

Foi no partido que tive contato com a discussão de classe e com a teoria marxista, com militantes vindos da tradição política de formação de base, voltados à discussão teórica. Muitos dessas discussões eram fomentados por Carlos Lopes, que fazia questão de, nas reuniões, ter um momento de debate teórico.

Mesmo composto por indivíduos com formação acadêmica e experiência na participação em organizações políticas, eles nunca se colocaram à disposição nas disputas eleitorais que o partido enfrentou. O principal argumento deles era de que necessitariam conquistar uma estabilidade econômica para poder assumir tal tarefa. Como eu tinha consciência de que no atual modo de produção os trabalhadores nunca teriam essa oportunidade, sempre me colocava à disposição, mesmo também tendo clareza de que não era o mais “qualificado” e de que estaria suprimindo uma lacuna pela negativa dos mais “qualificados”, assim como tendo consciência de que seria duramente criticado pelas falhas que pudessem acontecer.

Na primeira disputa eleitoral da sigla, em 2006, compus a chapa estadual como candidato a Deputado Federal. Dois anos depois, o cargo que

disputei foi para prefeito de Imperatriz (2008) e novamente, na eleição subsequente, concorri ao cargo de Deputado Federal (2010).

Em todas as campanhas, tive que pedir demissão do emprego, não só para me dedicar às tarefas de apresentação da sigla, mas também para poder usar parte dos valores da rescisão trabalhista como financiamento dos gastos com material de divulgação. Isso porque partidos classistas e sem representação nas estruturas do Estado não recebem recursos suficientes para financiar todas as campanhas no Brasil, tendo assim que priorizar os centros urbanos com maior visibilidade.

Em 2011, com a degeneração da direção do partido, foi criado o grupo Coletivo Ação Comunista — CAC, que era composto por militantes de todo o estado do Maranhão e tinha como principais focos a discussão teórica interna no partido e a proposta de um programa coerente na atuação política de seus militantes. Faziam parte desse coletivo vários professores, economistas, sindicalistas, estudantes universitários e trabalhadores assalariados como eu. O estopim para a saída desse grupo da sigla foi uma intervenção da direção nacional no estado, o que levou à conclusão de que não se fazia mais uma disputa interna.

Eu e outros do grupo fomos convidados a conhecer o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado — PSTU. Alguns se negaram a sequer

fazer a discussão, mas como eu estava trabalhando em São Luís, participei dos três seminários de apresentação da organização e, dos 15 integrantes do CAC em Imperatriz, fui o único a confirmar a filiação ao PSTU, os demais foram construir o PCB.

Decidi pedir demissão em São Luís e, em 2012, apresentei a candidatura “Imperatriz para os Trabalhadores” como candidato à prefeitura, nas mesmas condições de antes, financiando os gastos com recursos do trabalho junto com os outros filiados. Já como estudante universitário na UFMA, em 2014 e 2018, compus chapa ao senado pelo PSTU, como suplente dos candidatos Marcos Silva e Preta Lu, respectivamente.

Durante a trajetória até aqui, consegui desenvolver uma consciência de classe. Nesse estágio, passei a defender um novo projeto de sociedade, a ser construída pela principal classe já existente na História: a classe operária, nos termos de Marx (1848), ou a classe-que-vive-do-trabalho, no conceito contemporâneo de Antunes (2002). Considero que o Socialismo é a alternativa viável para confrontar o capitalismo que nos escraviza e nos explora como homens e mulheres produtores.

Onze anos após ter concluído o Ensino Médio, em 2011, decidi concorrer a uma vaga na UFMA EAD, no curso de Matemática, que foi ofertado no polo de Porto Franco. A vaga dependia do SiSU com a nota do ENEM do ano anterior. Não

curvei por ter ido trabalhar em São Luís, pois, como o curso tinha encontros presenciais quinzenais, ficou inviável dar continuidade a ele.

Voltei a fazer o Enem em 2012 e em 2013, concorrendo a uma das vagas como cotista de escola pública e renda para o curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (LCH) na UFMA, Campus de Imperatriz. A escolha do curso teve dois fatores determinantes: o primeiro é que, durante a minha militância política, todos se dirigiam a mim como professor, mesmo eu deixando claro que não tinha um curso superior; o outro foi o fato de o curso ser noturno, o que me levou a reduzir minha renda mensal, deixando de fazer bicos e horas extras. O mesmo aconteceu em relação a minha participação nas disputas eleitorais.

Por ser reconhecido por professores e alunos como militante partidário, houve vários momentos em que fui provocado a tecer comentários acerca da política ou criticado por minhas posições. Muitas críticas colocavam a mim e a organização da qual faço parte no mesmo “nível” dos outros partidos, pois, para o senso comum “político é tudo igual”. Um fato marcante ocorreu quando em uma das primeiras aulas tivemos nossa turma dividida em três

grupos: o de esquerda, no qual estava apenas eu; os capitalistas, que eram a maioria e se declaravam de direita; e até um “neonazista”.

Minha postura política e de posição de classe sempre me colocou a tarefa de contribuir com as lutas políticas dentro da UFMA, inclusive participando de duas gestões do Centro Acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas (CA - LCH) e contribuindo com outras gestões. Algumas vezes, minhas posições foram rechaçadas pelo fato de criticar o legalismo ou a passividade das ações nas mobilizações dos professores e alunos como greves, ocupações e debates, entre outros acontecimentos. Mas eu sempre respeitei e segui as deliberações do movimento.

Até o quinto período (2015), consegui cumprir todas as disciplinas ofertadas, umas com maior aproveitamento, outras nem tanto. Uma das dificuldades enfrentadas foi o pouco tempo para me dedicar aos estudos, devido à jornada de trabalho que tinha que cumprir para garantir a subsistência da família formada por seis pessoas.

Participei de todos os eventos do curso desde a II jornada de LCH, em 2013, contribuindo com a organização, mas nunca consegui aproveitar como acadêmico, por meio de produção e apresentação de trabalhos. Outro fator que considero que deixou lacuna foi uma maior vivência nas atividades de

extensão e/ou eventos/programações durante o dia, justamente pelo vínculo empregatício que me impedia.

Esse impedimento se refletiu no cumprimento dos estágios supervisionados obrigatórios que, depois de muitas procrastinações, fui realizar durante as férias do trabalho. Isso me levou, como a muitos outros estudantes pertencentes à classe-que-vive-do-trabalho, à condição de aluno retido no curso.

Os estágios foram momentos especiais, pois fiz questão de realizá-los em escolas públicas e da periferia. Uma dessas foi a Raimundo Soares da Cunha, escola em que cursei meu ensino médio. Além de ser bem recebido pela direção ao retornar como estagiário na escola, tive a oportunidade de reencontrar alguns dos meus ex-professores. Nesses reencontros, me recordo especialmente de um diálogo com o professor Rilton (ex-professor de Matemática e um dos que questionaram a direção sobre a ausência de meu nome na lista de indicados da escola para o estágio do BNB) na sala dos professores onde me chamou de professor e eu lhe disse: “Não sou professor. Estou apenas como estagiário”, e ele sorrindo disse: “Deixa de conversa, você agora é colega de trabalho”.

Esse foi um dos melhores momentos na formação, fiquei acompanhando as aulas durante oito meses em várias turmas juntamente com as

professoras e em parceria com a colega de outra turma da UFMA, Taianne Moura. Apesar de estar na prática vivenciando o descaso com que o sistema de educação trata a disciplina de Sociologia, com dois horários semanais para cada turma, sempre com os piores dias e horários, às sextas-feiras, no último tempo, Taianne e eu buscávamos mostrar não só a importância da disciplina, mas seu uso prático para entender e interpretar as realidades sociais do nosso tempo. Esse período serviu para sedimentarmos nossa postura como docentes e criarmos estratégias didáticas para alcançarmos as configurações das turmas que acompanhamos.

Já com as disciplinas praticamente cumpridas, inclusive o estágio supervisionado obrigatório, tive a oportunidade de ingressar no programa de iniciação à docência Residência Pedagógica — RP, em 2018. Esse programa possui características de estágio supervisionado, a principal diferença é que o professor preceptor obrigatoriamente deve ter formação na área para a qual os estudantes estarão habilitados, a Sociologia. O local em que fui residente também trouxe experiências novas, pelo fato de ser o Instituto Federal (IFMA), com alunos com um “capital cultural” — e, porque não dizer socioeconômico — diferente dos estudantes de minha primeira experiência de estágio. Também foi diferente

por ser realizado em cursos técnicos que tinham a disciplina de Sociologia dentro de sua grade curricular, ainda que com uma carga horária semestral bastante inferior às demais disciplinas. Tive a oportunidade de acompanhar turmas do PROEJA e do ensino médio integrado ao técnico no período em que fiquei como residente de Sociologia.

Desde o sexto período, quando defini o objeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC), paralelamente a todas as atividades, ora com mais dedicação, ora com menos, busquei realizar a pesquisa de campo e a leitura do referencial teórico com objetivo de concluir o trabalho, mas devido aos desafios de conciliar, novamente, trabalho, oportunidade de novas experiências com a docência — residência pedagógica — e outras atividades acadêmicas do curso, ainda estou na peleja de conclusão do trabalho para a apresentação antes que haja o corte institucional de nosso vínculo, o jubilação.

Entre outras atividades importantes — e aí, graças à preocupação do professor coordenador do Grupo de Pesquisa em Epistemologia e Educação (GEPEE), Dr. Edson Ferreira, em buscar sempre a

conciliação coletiva das demandas profissionais dos acadêmicos do curso, desde 2014, e mais recentemente com o retorno do seu doutorado –, tenho participado do GEPEE, o que tem auxiliado muito na experiência do pensar e discutir a produção científica e de pesquisa de forma a construir uma práxis coletiva entre os componentes do grupo.

Anseios futuros

Após a conclusão do curso, pretendo atuar como professor na rede pública de ensino. Creio que, ao exercer a atividade docente, terei mais condições de me dedicar às leituras necessárias ao bom desempenho da profissão, mas também para um aprofundamento teórico necessário para fazer pesquisa ou continuar os estudos.

Até que consiga efetivar esse objetivo, pretendo continuar participando do grupo de pesquisa GEPEE, mantendo o vínculo com a academia e com o desenvolvimento epistemológico no campo das Ciências Humanas, contribuindo com a produção do grupo.



Colação de grau, Letras/UEMASUL, 2010

Narrativa IV

Simone Caldas Leão

Para que um sonho se realize, só é necessário que alguém acredite nele, busque-o, lute por ele, e não desista de realizá-lo. Apresento-me como uma pessoa com uma riqueza de sonhos, alguns realizados, outros ainda não.

Sou filha da dona Maria do Socorro Pereira Caldas e do Seu Valto Alves Leão. Sou a filha mais velha por parte de pai, com 7 irmãos; por parte de

mãe, sou filha única, Simone Caldas Leão. Minha mãe disse que o nome “Simone” é devido à interpretação da atriz Fernanda Torres na novela Selva de Pedras da emissora Globo que passava na TV em 1986/87— nasci em julho de 1987. Minha mãe disse que gostou do nome e meu pai também. Na época eles namoravam, mas não chegaram a se casar, minha mãe me criou sozinha.

Sou uma pessoa muito comunicativa, gosto muito de conversar e contar histórias, bem como de ler e ouvir histórias, adoro conversar com pessoas de idade, como meu avô paterno que já tem 84 anos, e ainda é muito lúcido e conta histórias do seu tempo de juventude das quais eu tiro muitas lições.

Sou mãe, tenho dois filhos, Bruno Eduardo, de 13 anos, e Ryan Lucas, de 10 anos. Casei-me muito cedo, aos 17 anos, passei 5 anos casada e divorciei. Moro com meus filhos e minha mãe no bairro Ouro Verde, em minha casa própria, que foi um dos sonhos que realizei em 2017, no meu aniversário.

Sou professora de Inglês no Ensino Infantil e Fundamental. Apaixonada por idiomas, desejo aprender espanhol e francês e viajar por vários lugares fazendo intercâmbios. Trabalho na escola SESI há 8 anos, desde que me formei em Letras na UEMA, uma instituição que admiro e respeito muito, onde tive a experiência maravilhosa de

realizar meu sonho, aos 18 anos, de ser aprovada no vestibular, após um Ensino Médio grávida e recém-casada. Foi onde tive certeza de que eu seria professora, porque desde criança minha brincadeira preferida sempre foi “Escolinha”. Eu tinha um quadro pequeno, pegava o giz da escola que sobrava no “pé do quadro” da minha professora, quando caía aquele restinho de giz colorido, rosa, amarelo, azul, verde e branco, eu catava todos e levava para casa. Eu reunia as crianças da rua e começava a dar aula. Eu amava ensinar meus colegas e arrumar a letra deles, colocá-los para ler etc. Assim, quando estava na UEMA, só tive certeza de que estava no caminho certo.

Eu também tinha o sonho de estudar na Universidade Federal do Maranhão. Quando eu era criança, eu passava na rua da UFMA com minha mãe e perguntava o que era que tinha ali, eu lembro que ela uma vez me respondeu: “Ali é a Universidade, só pessoas que estudam muito e são inteligentes podem entrar”. Ela falou em um tom desafiador, e eu disse para mim mesma que estudaria nessa Universidade. Então, antes de tentar um mestrado ou doutorado (que são sonhos bem maiores), quis me dedicar mais aos estudos e realizar outros sonhos.

Trajetória pessoal

Nasci na cidade de Imperatriz do Maranhão, em 31 de julho de 1987, no Hospital IGO, atual Hospital das Clínicas. Minha Mãe era professora, naquela época só com magistério, e meu pai cobrador de ônibus na empresa Transbrasiliana.

Minha mãe veio de Governador Archer para dar aulas no interior de Cuvirlândia, depois de Cidelândia. Foi lá que ela conheceu meu pai, eles namoraram e me tiveram. Depois que eu nasci, eles ainda continuaram o romance, mas, dois anos depois, ela desistiu e resolveu ir embora com um novo amor. Mudamos para a cidade de Brasília, lembro que era um lugar bonito e frio, moramos lá um ano, mas minha mãe não conseguiu esquecer meu pai e voltamos para Imperatriz. Ela continuou amando meu pai, como acho que ama até hoje, apesar de não terem mais dado certo.

Eu comecei a estudar na Escola SESI, exatamente na escola em que trabalho hoje e em que meus filhos também estudam. Foi lá que tive meus dias de infância mais felizes, amigas, brincadeiras, espaço para correr e muito desejo de aprender. Em 1999, tive a triste notícia de que o SESI iria fechar. Foi o pior dia da minha vida na infância, saber que a escola onde aprendi a falar, onde aprendi tudo que sabia, não teria mais aula para mim, que iriam me separar das minhas amigas de infância.

Mudei de escola e fui para a escola pública Estado de Goiás, um choque de realidade para quem estava acostumada com escola de classe média. Senti muito impacto no comportamento dos adolescentes, eu já estava mocinha e fiquei muito triste por algum tempo, mas o que me animava eram os professores que percebiam que eu me destacava por ser mais adiantada do que os alunos da escola.

Nessa mesma época, entre os 12 e 13 anos de idade, eu me converti na Assembleia de Deus, embora, antes disso, eu já fizesse estudos bíblicos com Testemunhas de Jeová. Amava estudar a Bíblia e tinha muito medo de morrer sem ser batizada, pelo fato de que os mais velhos me diziam que quem morresse sem ser batizado iria para o purgatório, mas as Testemunhas de Jeová não me falavam sobre isso.

Então, eu mesma fui à igreja Católica, fiz o Catecismo e escolhi meus padrinhos para ser batizada. Minha mãe era muito desligada de religião, todo o temor partia de mim mesma. Para minha decepção, não consegui ser batizada, por desinteresse dos meus pais de comunicarem a data aos padrinhos e de comprarem minha roupa para fazer os procedimentos, chorei muito. Foi então que resolvi me converter para ser evangélica, meu professor Testemunha de Jeová concordou com minha mudança de pensamento, me aconselhou muito, mas minha mãe dizia que eu não sabia o que era ser “crente”.

Eu me converti e ela achou tão bonita minha atitude que resolveu se converter também. Depois, ela me disse que tinha receio de não conseguir parar de fumar, ela fumava desde os 15 anos e tinha medo de ser uma falsa crente, viciada, que iria fumar escondido, mas ela nunca mais voltou a fumar.

Nós duas nos batizamos nas águas, foi um dos dias mais felizes da minha vida, eu senti como se um peso de toneladas tivesse saído das minhas costas. Senti-me salva, liberta, perto de Deus, todo o estudo que eu tinha aprendido desde os 8 anos de idade com Testemunhas de Jeová, dos 10 na Igreja Católica e dos 14 na Evangélica influenciaram muito os meus princípios e valores para que eu me tornasse a mulher que sou hoje.

Aos 15 anos, tive meu primeiro namorado. Era um rapaz muito culto, bonito, lembro que ele tinha barba, e eu acho lindo homens de barba, cabelo bem preto, sobrinho do pastor. Eu era uma moça recém convertida, humilde, não tinha aprovação da mãe dele, mas em um belo culto ele se sentou do meu lado, passou o culto segurando minha mão e, no final, fomos à calçada da igreja e ele pediu para ser meu namorado. Eu me senti em um conto de fadas mesmo, tudo que vi na Disney achei que estava acontecendo ali, essa magia do primeiro amor na minha vida, e sim, é uma lembrança linda, de um namorado que agiu

como um príncipe, mas éramos muito jovens e em um mês ele mandou minha amiga me avisar que não estávamos mais namorando.

Aos 16 anos, conheci o grande amor da minha vida, foi uma paixão avassaladora e intensa. Era um rapaz muito inteligente, acho lindo homem inteligente, ele estudava Matemática na UEMA, cantava na igreja, pregava, mas viajava muito, pena que eu não liguei para isso antes, eu achava que só aumentava o desejo quando ele viajava, nem imaginava o quanto isso iria prejudicar nosso relacionamento. Engravidei aos 17 anos, bem no “Terceirão” do Ensino Médio, quem diria, uma moça tão religiosa, criada com tanta dedicação pela mãe, tão focada nos estudos e agora correndo o risco de talvez não terminar o Ensino Médio, eu mesma me julguei pela ingenuidade. Casei muito apaixonada, tive uma bela festa, fui muito feliz, tanto que planejamos juntos nosso segundo filho. Eu já estava na UEMA, terminando a graduação, mas quando nosso filho nasceu, algo mudou, não conseguimos mais nos entender, as estatísticas dizem que muitos casais se divorciam após o segundo filho, acho que entramos nessas estatísticas.

Demorei bastante para me recuperar do divórcio com dois filhos pequenos. Aos 23 anos, recém-formada, passei bastante tempo deprimida e decepcionada. Meu relacionamento com Deus foi

uma das coisas mais bonitas nessa fase da minha vida, pois foi onde consegui entender o sentido de perdão, de cura, de libertação e de superar frustrações. Foi quando passei na seleção de candidatos para trabalhar no SESI e fui chamada. No primeiro seletivo, antes de me graduar, entrei como secretária na Coordenação; no segundo seletivo, após minha graduação, já entrei como professora, realizando meu sonho de docência.

Desenvolver um trabalho educacional na minha área de ensino, realizar projetos, fazer parte de uma equipe de trabalho que só contribui para o meu crescimento profissional, participar de capacitações, fazer viagens, poder contribuir no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes, bem como na formação de cidadãos íntegros e críticos, é uma experiência realizadora.

Trajetória escolar/acadêmica

Comecei a estudar aos 4 anos, no jardim de Infância Marly Sarney – SESI, logo que eu e minha mãe chegamos da viagem a Brasília. No primeiro dia de aula, havia muitas crianças chorando e eu me lembro claramente de que eu não via a hora de elas pararem de chorar para eu poder conversar com elas e brincar.

Minha mãe diz que sentiu muito orgulho de mim desde aquele dia, pois percebeu que eu não iria dar trabalho para ela nos estudos, e assim foi...

Estudei no SESI até a antiga 5ª série (hoje 6º ano). Fiquei muito frustrada por ter que me desvincular daquela escola, foi como se cortasse meu coração em pedaços. Fui para a escola Estado de Goiás, estudei até a 8ª série (9º ano). Depois, no Ensino Médio, fiz o primeiro ano na escola Graça Aranha, uma escola maravilhosa onde fiz amizades que tenho até hoje. Lembro de um dia em que a diretora da escola e a coordenadora entraram na minha sala com uma lista de alunos e as duas começaram a ler os nomes dos alunos e pediram para que se manifestassem e o primeiro nome era o meu. Eu fiquei com muito medo de ser algo errado com minha matrícula, pois eu lutei muito por uma vaga naquela escola, passei a madrugada em uma fila esperando uma senha e só consegui uma vaga às 9 horas da manhã, então muitas coisas passaram na minha mente naquele momento. Logo após ler os nomes, a diretora pediu para que eu fosse à frente da sala junto com outras duas pessoas e mandou que todos batessem palmas para nós, pois ela tinha visto nossos boletins e eram as melhores notas da sala. Foi um dia muito lindo!!

Infelizmente, houve uma greve nas escolas estaduais do Maranhão devido ao governador Zé Reynaldo não pagar o salário dos professores, ou não aumentar, não lembro bem, sei que a greve foi de março a junho, e eu não podia mais esperar para voltar para o Graça Aranha. Meus pais, então, pagaram mensalidade escolar para mim na escola particular Coelho Neto. Comecei em agosto, ou seja, os alunos já estavam no 3º bimestre, sendo que eu tive mal o 1º bimestre, o ano foi louco.... eu tive que fazer trabalhos e provas referentes a três bimestres em um só. Eu tive muito medo de não acompanhar aqueles alunos no 2º e 3º ano do Ensino Médio, mas eu estudei tanto que foi o suficiente para passar no vestibular da UEMA.

Na UEMA, percebi que tudo era possível, que eu poderia aprender inglês sim e que eu poderia viajar para onde desejasse. Foi lá que eu aprendi a pesquisar, ler com criticidade e questionar. Foi uma professora maravilhosa, Ilza Léia, que me deu a chance de desenvolver um projeto de Iniciação Científica e ser bolsista FAPEMA, foi ela que me ensinou a escrever, estudar (no nível acadêmico) e apresentar minhas ideias. Tive a chance de participar do SEMIC e ainda aproveitei o projeto para o meu TCC e especialização. Com certeza, se eu for tentar um mestrado em Letras, será na mesma linha de Pesquisa de Aprendizagem de Línguas.

Hoje na UFMA, estou realizando outro sonho de paixão, são os estudos nas áreas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Tudo tem muita profundidade, um universo imenso de conhecimentos, quanto mais eu bebo dessa água, mais sinto sede. Tenho muita afinidade com a disciplina de História, mas quanto mais conheço as outras, mais sinto curiosidade de me aprofundar. Esse curso é apaixonante, ele proporciona muitas portas de conhecimento— se as pessoas soubessem o valor de todo esse conhecimento, esse curso seria o mais concorrido da universidade. Ele deve ser mais valorizado, devemos representar melhor essas áreas, demonstrando nossos trabalhos, nossas pesquisas e envolvendo a comunidade.

Anseios futuros

Desejo terminar essa graduação na UFMA, participar de todos os e ventos possíveis, me dedicar realmente às pesquisas. Pretendo me preparar para o mestrado, pois o grande benefício de termos um mestrado na nossa cidade deve ser aproveitado.

Nos próximos meses, estarei me dedicando aos estudos para os concursos públicos de Açailândia e Imperatriz. Durante esse período,

tenho tentado economizar para conseguir pagar meu intercâmbio para algum país de Língua Inglesa. Tenho preferência pelo Canadá, pois admiro muito o estilo de vida das pessoas desse país. Mas não posso deixar de negar que tenho outro sonho de infância pendente: ir à Florida, em Miami Beach, e depois à Orlando, visitar o resort da Disney.

Desejo muito ver meus filhos na faculdade, invisto nos estudos deles, sou uma mãe exigente, não gosto de gente preguiçosa. Tem horas em que eles fazem corpo mole, mas são muito interessados. Eles são minhas companhias, assim como minha mãe, meu braço direito, a quem devo tudo, é ela que me ajuda e incentiva todos os dias.

Como eu falei, minha vida é muito cheia de sonhos, alguns já alcancei, outros, peço a Deus saúde e vigor para trabalhar e estudar até alcançar!



Aula de química analítica
qualitativa, IFMA, abril de 2018.

Narrativa V

Josélia Santos Oliveira

Meu nome é Josélia Santos Oliveira, tenho 19 anos, nasci no dia 03 de dezembro de 1999 em uma cidade pequena do interior do Maranhão chamada Lima Campos. Aqui vou contar um pouco da minha história de vida familiar e escolar. Dei ênfase a alguns acontecimentos que marcaram a minha vida e que foram essenciais para o meu crescimento como um sujeito social.

Trajetória pessoal

O meu nome foi escolha da minha mãe. De acordo com ela, o único motivo para escolha desse nome foi o fato de começar com a letra J, pois ela queria o nome de todos os filhos com essa inicial. Eu tenho três irmãs e um irmão. Nasci e morei alguns anos em Independência, uma cidade pequena também do Maranhão, onde moravam todas as pessoas da minha família. Lá eu fui batizada e guardo como recordação o vestido que usei no dia da cerimônia. Em 2003, passei a morar em Davinópolis, cidade que fica a 8 km de Imperatriz-MA. Nesse mesmo ano, o meu irmão mais novo, ainda bebê, faleceu por conta de uma doença que tinha se alastrado na época.

Um fato que tenho de recordação, contado por minha mãe, foi quando eu, com apenas alguns anos de vida, subi em um guarda-roupas e ele despencou em cima de mim. Nesse dia, todas as pessoas que moravam perto estavam crentes de que eu teria morrido, mas não foi o que aconteceu. Apenas desmaiei e fiquei com algumas sequelas por alguns meses, por exemplo, não conseguia andar corretamente.

Eu aproveitei a minha infância o máximo que pude, brinquei bastante e fiz grandes amizades. Como criança, eu era extremamente sapeca e, muitas vezes, meus colegas não gostavam de mim

devido às minhas provocações ou brincadeiras completamente sem noção. Como prova disso, um dos acontecimentos que marcou a minha vida foi quando cortei boa parte do cabelo de uma amiga de infância. Meus primos sempre me chamavam de “a menina do beliscão”, porque sempre que brincávamos, eu queria bater e beliscar todos eles. Era apenas uma criança, lamentavelmente rebelde.

Às vezes, eu brincava sozinha e era até confortável, já que eu tinha extremo ciúmes das minhas coisas. Até que um dia, sentada no quintal da minha casa, eu me vi extremamente assombrada por causa de uma boneca e, a partir disso, eu não ficava mais sozinha, nem ia para lugar algum sem alguém por perto.

Gostava muito de brincar simulando uma escola, onde eu era a professora e chamava todos os meus vizinhos para brincar comigo e eu ministrar aula para eles. Essa vontade de dar aula, de estar nas salas sempre me acompanhou e é algo que hoje eu declaro como minha profissão futura.

Convivi sempre com bichinhos de estimação, já tive em média uns 7 gatos, mas hoje não tenho nenhum. Atualmente, tenho 3 cachorros, mas já criei até mesmo quati, exatamente 3, aos quais eu era extremamente apegada.

Meus pais sempre me deixavam livre para brincar, explorar a natureza (subindo morros), chorar e aprontar. O meu bisavô foi uma pessoa que, desde que nasci, esteve ao meu lado e todas as vezes que meus pais se estressavam comigo, era ele quem me defendia. Porém, em 2017, ele veio a falecer, com 98 anos de idade. Inclusive, apesar da idade e dos problemas de saúde, ele era bastante lúcido, conseguia se recordar das lembranças que tinha comigo. Eu me recordo dele com muito afeto e certamente ele estará presente em minha memória por toda a minha vida.

Sem dúvidas, uma das minhas melhores lembranças é a de estar reunida com toda a família sentada na calçada para ouvir o meu avô materno contar piadas, enquanto as outras crianças brincavam de amarelinha. Bom, apesar de vir morar em outra cidade, as minhas férias sempre passei pertinho dos meus avós em Independência.

Depois que mudei de cidade, em 2003, fiz novas amizades e conheci costumes diferentes. Nossa família veio para Davinópolis por causa da família do meu pai, a mãe dele morava aqui, mas infelizmente faleceu em 2011 por causa de um derrame que trouxe uma série de complicações de saúde.

Em 2010, eu ganhei meu primeiro diário, que guardo até hoje. Nesse diário, eu escrevi momentos do meu dia durante todo esse ano,

relatos completamente repetitivos, visto que as únicas coisas que eu fazia era brincar com amigas e ir para o colégio. Porém, há algumas histórias contadas nele que são um tanto exóticas, como a do dia em que, revoltada, rasguei um envelope na cara de uma colega, por ela ter sido “falsa” comigo. Não me vejo mais com essas atitudes. Agora posso dizer que me encontro satisfeita no lugar em que estou e com as pessoas que estão comigo, minha mãe, meu pai, minhas 3 irmãs, meu irmão e minha sobrinha.

Trajetória educacional

Aos dois anos de idade, eu ingressei na creche São Francisco de Assis, que fica localizada em Davinópolis-MA. Eu não ia sozinha, minha irmã Clesiene era quem ia me deixar e me buscar todos os dias, porque eu tinha bastante medo de sair sozinha.

Eu sempre fui uma boa aluna, a única reclamação pertinente durante toda a minha vida escolar era a de que eu falava demais, e eu concordo que realmente falo bastante. Na creche, eu sempre participava de todas as brincadeiras propostas pelas professoras e nos pequenos eventos nos quais se falava principalmente de saúde bucal. Sempre participei de todas as gincanas também, tive muitas colegas, mas sempre tive um ar de afronta que incomodava as pessoas, infelizmente.

A primeira vez que eu fui para a secretaria foi na creche, pois eu me envolvi em uma briga com um menino que sempre fazia *bullying* comigo e com as outras meninas. Então, desde esse dia, todos os outros meninos pararam de mexer comigo ou fazer comentários que me chateavam. Um outro momento marcante enquanto eu estava na creche foi quando chamaram minha mãe Creusa, por causa de um recado que tinham escrito na parede do banheiro, o qual os professores deduziram que teria sido de minha autoria, o que não tinha muito sentido por ser uma ofensa direcionada a mim.

Como ninguém se acusou, a forma que minha professora Cristiane usou para identificar quem havia escrito foi pedir para todos os alunos colocarem em um papel minhas qualidades e meus defeitos, e assim ela pode comparar as letras, resultando que quem havia colocado isso tinha sido uma amiga minha, inclusive uma das minhas melhores amigas na época. Apesar de nova, passei a crer menos nas pessoas e a depositar menos confiança em quem fica do meu lado, até porque as intenções do outro, eu não conheço.

A área em que sempre me destaquei foi na de Ciências Humanas, inclusive o meu boletim conta com notas exemplares. Lembro bem que eu ficava super ansiosa para escrever com caneta no

Ensino Fundamental, já que eu só usava lápis. Quando iniciei o 6º ano na Escola Municipal Davi Alves Silva, fiquei completamente abismada, super empolgada por estar no colégio com alunos mais velhos, que era o caso do 9º ano. Desde então, eu sempre estive na liderança de turmas, no 6º ano, 7º ano, 8º ano e no 9º.

Por mais que meu destaque sempre tenha sido em Humanas, quando eu estava no 7º ano, ganhei uma gincana junto com algumas amigas, que era uma disputa de Matemática contra todo o colégio, e fomos premiadas com medalhas. A minha guardo até hoje como lembrança desse marco.

No Ensino Fundamental, também tive bastante problemas quanto a conversas fora de hora e isso me rendeu diversas idas à secretaria do colégio, mas com o passar do tempo isso deixou de ser um problema. Comecei a me policiar mais e a mudar meus hábitos. Eu não era muito empenhada nas atividades físicas da escola, me divertia mais com as amigas no pátio brincando de bola. Eu era bastante engajada quando se tratava de eventos, então eu participava da organização e ensaiava com diversas meninas para apresentações e outras atividades.

O 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, eu cursei no Centro de Ensino Francisco Alves II, e lá também sempre estive à frente como representante de turma e fiz parte do grêmio estudantil. Quando ingressei no 3º ano, iniciei um curso Técnico de Meio Ambiente no Instituto Federal do Maranhão e lá pude explorar ainda mais o meu intelecto, tendo contato maior com a Química e outras áreas que antes eu não tinha vontade alguma de estudar. Eu conciliava, então, o meu Ensino Médio e o curso técnico.

A duração do meu curso foi de 2 anos, quando terminei o Ensino Médio, ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Humanas e passei a estagiar pela manhã em prol do meu certificado do curso técnico, ir às aulas durante à tarde no Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e ir para a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) durante à noite, cursar a minha graduação. Apesar da correria, sou muito grata por essas oportunidades que eu tive, e não abro mão em nenhum momento do conhecimento que me foi dado.

Na Universidade, eu tive um choque de realidade. Mesmo com toda a carga que eu tinha, eu vi que ainda tinha lacunas e, algumas vezes, me desesperei. Hoje, me sinto completamente satisfeita com o curso, com os professores e com os demais alunos, os quais sempre foram mais que meros companheiros de sala.

Anseios futuros

Ter que colocar no papel os meus anseios futuros é um pouco perturbador, pois, no momento em que tive essa necessidade de repassar para uma folha branca meus anseios, me dei conta do quanto estive levando a minha vida sem nada determinado.

Mas, com esforço, posso dizer que as minhas metas para o futuro são investir ao máximo na minha qualificação no ensino, terminar minha graduação e fazer mestrado e doutorado. Entretanto, não quero parar apenas nessa área, tenho grande interesse em cursar Letras. Eu espero logo, logo, ter a minha própria casa e abrir um negócio para me manter.

Por muito tempo, eu fiquei estagnada na minha zona de conforto e perdendo diversas oportunidades. Pretendo conhecer outros lugares, fazer viagens sozinha, curtindo a minha própria presença. Porém, não sozinha eternamente, pretendo apresentar diversos lugares para os meus pais também e um possível companheiro.

Saindo de casa, tendo uma estabilidade financeira, eu quero adotar uma criança, pois me deixa angustiada a quantidade de crianças que são órfãs. Como sempre tive animais de estimação, tenho muita vontade de ter um porquinho, então também pretendo criar um.



Formatura ABC, 2005.

Narrativa VI

Mayara Sousa Oliveira

Por meio deste memorial autobiográfico, apresento acontecimentos e vivências da minha vida pessoal e educacional. Uma das primeiras coisas de que gostaria de falar é que meu nome é de origem tupi e tem algo a ver com sabedoria. Meus pais contam que combinaram que, se eu fosse menino, minha mãe escolheria meu nome; se fosse menina,

seria meu pai. Porém, meu nome não seria Mayara, e sim Nayara. Erro em uma letra (coisas do percurso).

Falando um pouco sobre mim, me considero uma pessoa alegre e que gosta muito de comer e dormir. Leitura de romance é o meu passatempo predileto, às vezes, até me arrisco a escrever. Tenho como escritor predileto Augusto dos Anjos, mais precisamente o seu poema Versos Íntimos. Um livro marcante, *A garota feita de espinhos*, da escritora Eliane Ribeiro. Meu filme favorito, *Como se fosse a primeira vez*. Minha música da vida é *Rescue Me*, da banda Daughtry. Artistas que admiro: Bryan Adams; James Arthur; Bruno Mars; Djonga; Jorge e Mateus; Sam Smith; NF; e Bacu Exu do Blues. Bandas: Kodaline; Daughtry; NickelBack; Rosa de Saron; Coldplay; Imagine Dragons; Creed; e Pentatonix.

Tenho uma paixão por animais e pela vida que vem em mim crescendo desde que sou mais nova. Sempre tive vontade de ser professora, lecionar. E isso vem desde cedo quando brincava de escolinha com minhas amigas e fazia birra para ser a professora. Considero-me uma pessoa ansiosa e medrosa quando se fala em sair da zona de conforto, em mudanças. Quem não?! Eu sim!

Trajetória pessoal/familiar

Nasci no dia 6 de junho de 1999, na cidade de Imperatriz-MA (hoje tenho 20 anos de idade). Meus pais, Francinete Paiva de Sousa (apelidada de Branca) e Iranildo de Sousa Oliveira (apelidado de Negão), são naturais de Alto Alegre do Pindaré-MA e Arame-MA, respectivamente. Meus avôs paternos são Maria Antônia e José Simão e os maternos são Maria Paiva e Patrício Alves. Tenho uma irmã materna de 23 anos, Ingrid Maria, eum afilhado, Deivid Samuel. No total de tios, eu tenho nove, sendo oito paternos, Iramar, Antônio, Ivanildo, Francisco, Vanilson, Vaneide, Salomão e Helena; e um materno, Deivid. Seriam doze tios paternos, mas infelizmente três morreram ainda crianças por motivos que ainda não me explicaram. E primos são sete, Marina, Mariana, Camila, Deivisson, Emerson, Vitória e Daniel. Em casa, temos três gatinhos, Mimosa, Jack e Beth; e três cachorros, Maggie, Merlin e Lobinha. Já tivemos também um papagaio, mas que veio a falecer por idade avançada.

Pois bem, nos meus primeiros dias de vida, segundo relatos da minha mãe, moramos em Imperatriz, mais precisamente no bairro Parque Alvorada II, na casa de uma tia-avó dela

que a ajudou no pós-parto. Nos meus dois meses de vida, passamos a morar na nossa casa atual (naquela época era de taipa), no povoado Bananal, no município de Governador Edison Lobão.

No ano de 2001, mais exatamente no dia 20 de janeiro, eu recebi o sacramento do batismo na cidade de Davinópolis-MA. Meus padrinhos são Ivanete e César, escolhidos por meus pais. Sou de religião católica, sempre incentivada pelos meus pais a seguir esse caminho. Faço parte da comunidade São Vicente de Paulo, do bairro onde moro, sou integrante do ministério de música e do grupo litúrgico e já fui catequista. O ministério de música, no qual eu canto, é composto por pessoas incríveis: minha irmã; meus amigos Hiago, Milena, Gustavo e Diana; e meu padrinho de crisma, Fernando.

Minha infância foi maravilhosa. Daquela em que as crianças brincavam até tarde na rua, conversando na porta de casa, entre outras coisas. É dela que eu tiro as minhas experiências e memórias mais legais, por exemplo: quando aprendi a andar de bicicleta e tive meu primeiro ralado no joelho; ou a vez em que cortei meu cabelo no banheiro da escola; coisas do tipo. Além da vivência com as crianças do meu bairro, que até hoje são meus amigos, na maioria, mulheres admiráveis: Milena; Jovana; Gabriela;

Beatriz; Bianka; Pâmela; Maikeline; Maikelane (minha comadre); Breno; Jarleane; e Jarleilson. A listagem é enorme.

Os últimos 10 anos foram bem pesados para minha família, de ambos os lados.

No ano de 2011, meu tio Deivid sofreu um acidente de moto, fraturou a clavícula e hoje é cadeirante. Porém, o lado bom disso é que ele conheceu sua atual esposa nessa fase mais difícil e hoje são felizes, apesar dos pesares.

Em 2015, outro acontecimento horrível, minha mãe foi diagnosticada com câncer de pele, o que se deve principalmente ao fato de ela ter albinismo. E, logo no ano seguinte, ela teve que fazer uma cirurgia devido a um mioma que ela descobriu depois de dias sentindo fortes dores. Em 2017, foi quando meu pai sofreu um acidente em que quebrou o tornozelo, motivo pelo qual hoje ele é incapacitado de trabalhar como auxiliar de serviços gerais.

Mas nada se compara ao ano de 2019, foram duas perdas horríveis. Minha tia Dulce (prima de minha mãe) foi diagnosticada com câncer de mama, mas pouco tempo depois de ter iniciado os tratamentos a doença se espalhou para o pulmão direito e ela não resistiu. Dois meses depois, foi a mãe dela, a tia-avó de minha mãe, que eu já tinha mencionado, a tia Maria, que foi vítima de um infarto e não resistiu.

Realmente 10 anos pesados para minha família, mas que nos deixaram ainda mais fortes e unidos.

Voltando às minhas origens: elas sempre foram simples. Meu pai trabalha desde os 17 anos como auxiliar de serviços gerais e minha mãe como doméstica. Por esse motivo, fomos morar por dois anos em Senador Canedo, no estado de Goiás, em busca de uma vida melhor. Meu pai trabalhou em uma empresa de construção civil e minha mãe na casa de uma senhora que era nossa vizinha. Enquanto isso, eu estudava numa escola a umas seis quadras da casa onde morávamos. Logo após esses dois anos, a obra acabou e voltamos ao Maranhão, onde meu pai investiu todo o dinheiro que havia guardado na construção da nossa casa própria.

Atualmente, até mesmo por questão de idade e saúde, meus pais não mais trabalham assalariados. Minha mãe por ser albina e ter desenvolvido câncer de pele está sendo assegurada pelo governo, meu pai está na mesma situação, mas por motivo de acidente de trânsito – como eu já tinha dito anteriormente.

Trajetória educacional

Iniciei meus estudos com dois anos e meio de idade, na creche que hoje recebe o nome de Tia Nyeta. Cursei o 1º, 2º e 3º ano do Fundamental menor na Escola Municipal Paulo Renato Souza, os outros anos (4º e 5º) foram na Escola Municipal

Walter Ferreira de Carvalho, no período de dois anos em que morei em outro estado. Do 6º ao 9º ano, estudei na Escola Municipal Santa Rita, um período maravilhoso: fase da adolescência, descobrindo coisas novas do mundo. Sem falar nos professores que tive e que levo de inspiração para vida até os dias atuais. E foi nesse âmbito, nesse ambiente escolar, que eu conheci e me relacionei com pessoas incríveis que, apesar do que hoje eu compreendo ser a vida, esse combo de percalços e odisseia, creio poder chamá-los de mais que amigos, *friends*: Jhully, Karolayne, Matheus, Suelane, Victória e Vitor.

Em 2014, iniciei o tão famigerado Ensino Médio, no Centro de Ensino Francisco Fiim. É de lá uma pessoa incrível a quem quero dar destaque: meu professor de Física/Matemática, Joilton. Uma pessoa que sempre nos incentivava a buscar nossos objetivos, nos orientando e dando sua vida de luta com exemplo. No último ano regular, ele nos preparou da melhor forma que estava ao seu alcance para realizarmos a prova do ENEM e do vestibular da UEMASUL. E foi nesse ano de 2016 que eu consegui passar no meu primeiro vestibular: Ciências Naturais - Biologia, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). No entanto, não realizei minha matrícula por lerdeza minha, mas esse sempre foi o curso dos meus sonhos. Claro que

devido a minha paixão pela vida e por querer compreendê-la e estudá-la, isso é quase uma consequência.

E por mais um ano segui fazendo o ENEM. Foi quando consegui a vaga no curso de Licenciatura em Ciências Humanas (LCH), uma conquista tanto pessoal como da minha família inteira, que ficou muito feliz, já que pelos fatos que se seguem, ao me graduar, serei a primeira com ensino superior na segunda geração da minha avó paterna.

Pois bem, em minha trajetória acadêmica até aqui, posso afirmar que já tenho boas experiências. No primeiro semestre do curso (2018.2), realizamos uma aula de campo na comunidade Viva Deus na Estrada do Arroz, com o apoio e a orientação do Prof. Dr. Alexandre Peixoto, que ministrava a disciplina de Fundamentos de Geografia nesse período. Foi uma experiência ótima, pois estreitou os laços e as relações com os colegas de turma e porque passamos pela experimentação de vivência daquela comunidade pela metade de um dia. Além disso, essa aula me rendeu meu primeiro artigo, algo muito legal.

Não poderei esquecer também das amizades que já fiz devido ao curso: Magnólia, Kennedy, Rose e Lucélia. E desse semestre de 2019.1 até agora, tudo normal. Veremos o que acontecerá no decorrer do curso, ainda temos tempo.

Anseios futuros

Ah, meus anseios ... Dizer que quero ser feliz é um clichê mais que ultrapassado, mas é a verdade. Quero concluir minha graduação, quem sabe até chegar mais longe: um doutorado. Apesar do que me aconteceu nesta trajetória, ainda tenho paixão pela Biologia, quero algum estudo na área. Estudar e trabalhar com o que gosto: lecionar. Se não estudar e ensinar sobre a vida, mas ao menos sobre como se dão as relações que nela existem. Não penso muito num futuro longínquo, tipo de uns 10/20 anos. Almejo coisas mais próximas. Não se sabe precisamente o que pode acontecer no futuro, porém, quero muito viajar e conhecer todos os cantinhos do meu país, principalmente no meu amado Maranhão. Um lugar tão belo e rico.

Também quero e sonho em "ter" um lugar que sirva de abrigo para animais de rua, algum projeto, não sei ao certo. Isso está em mim desde mais novinha.

Acredito que no momento sejam essas coisas. Esta sou eu, minha trajetória e meus anseios.



Início da vida estudantil, 1980.

Narrativa VII

Joselí P. da Silva Santana

Trajetória pessoal e familiar

Sou Joselí Pereira da Silva Santana, nasci em 27 de janeiro de 1971, no interior da cidade de Tuntum, baixada maranhense. Nordestina e herdeira de muitas lutas, tendo em vista que fui criada por duas grandes mulheres, Maria Pereira de Araújo, minha mãe, e Ana de Matos, minha avó.

Não conheci meu pai, tampouco tenho seu sobrenome, pois Manoel Pereira Araújo abandonara minha mãe com oito filhos pequenos, eu, a caçula, com apenas um ano de vida.

Fomos resistentes e sobrevivemos inclusive à fome. E, segundo minha mãe e minha avó, alguns irmãos mais velhos não tiveram a mesma sorte, tendo em vista que três faleceram ainda pequenos vítimas de desnutrição. Mamãe e vovó relatavam que foram anos difíceis, as duas trabalhavam quebrando coco, colhendo algodão, sempre para terceiros, na maioria das vezes, ganhavam somente um terço do que conseguiam colher, mas não nos deixavam faltar o principal: dignidade, respeito e, acima de tudo, caráter.

Trajetória educacional

Diante desses relatos, percebe-se que, para eu adentrar os portões de uma universidade federal, não foi nada fácil. Foi um processo de muita persistência, assim como está sendo permanecer. Minha vida escolar se iniciou apenas quando eu já tinha dez anos, mas minha avó já havia me ensinado a ler, pois gostava muito de cordel, o que ela chamava de “rumaço”, assim mesmo, esse era o linguajar dela, e, com isso, eu também aprendi a ter gosto por esse tipo de literatura, que com o tempo passei a recitar para minhas filhas, que

gostavam muito e, vez por outra, me pediam para ler para elas, que também aprenderam um pouco dessa cultura ou, pelo menos, tiveram conhecimento por meio de um costume herdado.

Meus primeiros anos escolares foram bem difíceis, pois estudei em uma escola sem a menor estrutura funcional. Era um casebre de pau a pique, na zona rural do município de Cidelândia, precisamente no povoado de São João do Andirobal, que, na década de 1980, ainda fazia parte do município de Imperatriz. A escola não possuía carteiras, nem banheiro, com isso éramos privados de nossas necessidades básicas e tínhamos que escrever com o caderno nas pernas, pois a sala dispunha apenas de bancos de madeira, sem encosto, o que tornava as aulas algo cansativo e desgastante, mas era o que tinha.

Também tínhamos apenas uma professora para lecionar de primeira à quarta série, a diretora, Maria Cleonice Silva Barros, que ministrava todas as aulas com todos os alunos em uma única sala. O ensino era no modelo tradicional, apanhava com uma régua de madeira e levava bolos de palmatória. Eu morria de medo da sexta-feira, pois era o dia de provar que aprendeu e, a cada erro, era um bolo, mas tínhamos muito respeito e reverência por nossos mestres.

No decorrer dos anos, foram surgindo os primeiros professores, pois quem conseguia concluir a quarta série, já poderia lecionar. E quem queria continuar estudando teria que se deslocar para o município vizinho, Cidelândia, ou para Imperatriz. Foi assim que, aos 13 anos, deixei minha família e fui em busca dos meus objetivos, até então, estudar para me tornar professora. Esse era o desejo de minha avó, que eu também imaginava ser meu.

Assim, iniciava um novo ciclo cheio de muitas lutas e repleto de adversidades, pois eu era apenas uma criança longe da família, assumindo uma responsabilidade que não era compatível com a minha idade. Mas essa era a única oportunidade que eu tinha, se quisesse continuar estudando.

Trabalhava em casa de família, estudava à noite e, apesar de trabalhar bastante, não eram supridas as minhas necessidades básicas, pois esse era um trabalho infantil escravo, sem remuneração. E assim foi até o segundo ano do Ensino Médio, quando, por motivo de uma greve nas escolas estaduais, fui para o interior aguardar o retorno das aulas. Mas um imprevisto aconteceu e engravidei da minha primogênita.

Devido às circunstâncias, fui obrigada a permanecer por lá e, como já estava cursando o segundo ano, recebi o convite para trabalhar como professora de quinta a sétima série, e óbvio, por

necessidade, aceitei. Não com o intuito de permanecer, mas apenas imaginando ganhar um pouco de estrutura para poder retornar. O que não aconteceu, pois trabalhava, mas não conseguia receber meu salário, e assim foi por seis meses, o que só me desestimulava cada vez mais. Consegui ficar por dois anos, não me animei com a experiência e abandonei o cargo mesmo com muita insistência para que eu permanecesse.

Em 1993, retornei a Imperatriz. Casada, com uma filha pequena, mesmo assim insisti em terminar o Ensino Médio. Em 1994, já grávida da segunda filha, conclui o curso. Assim se encerrou uma grande etapa da minha vida estudantil.

Com uma nova busca e outras perspectivas, sem querer ficar sem estudar e agora mãe de três filhas, inclusive uma bebê, iniciei um curso de formação de professores, com aulas presenciais em um final de semana do mês, o restante estudando em casa. Foram dois anos, mas na realidade valeu muito apenas, pois foi nesse curso que descobri o meu amor pela Psicologia por meio de algumas disciplinas. Assim percebi que, na verdade, meu grande sonho era me tornar psicóloga, sonho bem distante da minha realidade. Para início de conversa, nem esse curso existia aqui em Imperatriz, o que não me fazia desistir de sonhar.

Três ou quatro anos depois, iniciei outro curso em nível médio. Não queria ficar parada e,

por não ter acesso ao ensino superior, essa era a forma que encontrava para continuar estudando. Estudava em casa e realizava as avaliações no polo, Centro de Ensino Supletivo. E assim obtive mais um diploma de Ensino Médio. Os meus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos me possibilitaram uma facilidade com a redação.

Com a implantação do ENEM, se reacendeu o sonho do curso superior e, como sempre fui ousada, resolvi me inscrever. Não passava, mas continuava tentando. Por trabalhar na saúde pública, tentava uma vaga para Enfermagem na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o que era muito difícil devido à concorrência. Em 2018, resolvi mudar a primeira opção de curso e optei por Licenciatura em Ciências Humanas (LCH), na ampla concorrência, e consegui a vaga no décimo sexto lugar. Nem acreditei quando vi meu nome naquela lista. E, com toda empolgação, realizei a matrícula, mas infelizmente não estava emocionalmente bem e só frequentei as aulas por duas semanas. Abandonei o curso, porque acreditava que não conseguiria progredir com as atividades acadêmicas, já que era tudo bem diferente do que idealizei. O medo foi maior que a minha vontade de permanecer.

Mas, para minha surpresa, no início de 2019, fui convocada para reingressar no curso e, apesar do momento difícil que estava atravessando (uma

crise conjugal que resultou em separação), resolvi tentar. Mas o curso se tornou ainda mais complicado, pois teria que fazer o segundo período sem ter realizado o primeiro. Eu não tinha nenhum preparo acadêmico e não conseguia me sair bem nas atividades. As dificuldades eram gritantes, uma discrepância com a realidade dos demais acadêmicos, porém o meu desejo de continuar era enorme, ainda que me sentisse incapaz e, por mim mesma, desacreditada.

No contexto individual, era uma realidade bem diferente da que eu imaginava, porém resolvi não camuflar meus sentimentos e medos. Então compartilhei com alguns professores as minhas dificuldades e o desejo de abandonar o curso novamente, não pelo curso em si, mas por minhas dificuldades acadêmicas. Foi então que pude contar com o apoio de alguns professores, em especial do professor Edson Ferreira, da professora Vanda Pantoja e da professora Betânia Barroso, além do incentivo incondicional da nossa secretária Alda. Essas pessoas foram fundamentais na minha permanência na Universidade e estar hoje aqui fazendo estes relatos, sinto-me bastante estimulada por essas pessoas que acreditaram mais em mim do que eu mesma.

E hoje, apesar de todas as adversidades, estou conseguindo conciliar o quarto período de LCH com o terceiro período de Psicologia, pois, em

2019, consegui uma bolsa de 50% em uma faculdade particular para o meu tão sonhado curso de Psicologia. Mas isso não foi o bastante para trancar meu curso na UFMA, pelo contrário, a cada dia me sinto mais impulsionada a continuar com os dois cursos, pois hoje descobri uma paixão muito grande pela Sociologia e não pretendo abandonar o curso.

Não tenho dúvidas de que o curso dos meus sonhos é Psicologia. Porém costumo dizer que a UFMA é minha segunda família, é lá onde me sinto verdadeiramente integrada ao espaço social e, por mais que eu não pretenda seguir a carreira na licenciatura, lá eu me encontro com meu lugar de fala, de escuta e de acolhimento. Escolhi Sociologia porque pretendo me tornar um ser humano melhor e as Ciências Humanas fazem de mim, a cada dia, uma pessoa mais empática e resiliente.

Anseios futuros

Atualmente, pretendo concluir os cursos que faço; depois, atuar na área da Psicologia, principalmente na Psicologia Social. Também quero trabalhar como voluntária em algum projeto social. Na vida acadêmica, quero ir mais longe, quem sabe em breve fazer um mestrado e depois um doutorado.



1º período de LCH/UFMA, Imperatriz, 2018

Narrativa VIII

Amanda Silva Araujo

Tenho 19 anos e irei contar um pouco da minha trajetória pessoal, escolar e acadêmica e quais são os meus anseios futuros.

Nasci na cidade de Imperatriz, considerada a segunda maior cidade do estado do Maranhão, perdendo apenas para São Luís, que é a capital do estado. Minha mãe engravidou com 16 anos e foi

obrigada por meus avôs a se casar com meu pai. Depois disso, ela sempre diz que nunca esteve pronta para ter um filho, que eu não fui esperada e que meu pai teve que trabalhar desde muito novo para conseguir manter a família.

Trajetória pessoal

Venho de uma família humilde, na qual tudo é motivo para festa. Desde sempre, aprendi a dividir a atenção dos adultos por ter muitos primos e nunca tive espaço para me sentir sozinha, pois sempre tinha alguém para brincar nos finais de semana em almoços de família. Eu tinha quatro anos quando minha mãe engravidou da minha irmã Clarissa, ela diz que foi tão traumatizante que o anticoncepcional virou seu melhor amigo. Lembro-me muito pouco dessa época, mas lembro de perceber que tinha alguma coisa diferente na minha irmã. Quando Clarissa nasceu, o médico comunicou para família que ela era portadora de uma necessidade especial, minha irmã tem Síndrome de Down e foi aí que eu realmente tive que aprender a dividir atenção.

Minha infância sempre foi muito agitada, sou a terceira prima mais velha por parte de pai e a mais velha dos primos por parte de mãe, mas, mesmo sendo a mais velha, sempre tive a oportunidade de brincar muito. Minha

brincadeira preferida sempre foi jogar bola na rua, meu apelido na vizinhança era “Marta”. Nunca deixei de jogar bola na rua até meus 11 anos de idade.

Eu me destacava entre os meus familiares pela minha capacidade de abstrair muito bem tudo o que ensinavam. Aprendi a ler com minha avó que é professora. Ela tinha uma lousa no quarto e, todo dia, depois que ela chegava do turno de aula da tarde, eu ia para casa dela para ficar por duas horas, sob pressão, para aprender a ler. A capacidade de abstrair conhecimentos com maior facilidade me trouxe um amadurecimento precoce, fui abandonando as brincadeiras da rua e começando a me familiarizar com assuntos femininos e a vaidade que as meninas da rua reforçavam, mas nunca fui muito boa com essa experiência.

Sempre morei em um bairro considerado periférico e isso fez com que eu tivesse um contato direto com uma realidade de vida de outras pessoas que era evidentemente inferior a minha, pois, ainda que eu fosse de uma família humilde, as meninas e os meninos do bairro sempre me olharam tendo alguma superioridade por eu vestir boas roupas e ter comida boa na mesa todos os dias.

Minhas amizades eram, em sua maior parte, com as crianças de uma família muito grande que morava na mesma rua que eu. Eles eram todos primos e irmãos e viviam todos numa casa bem

pequena, diferente de mim, eles sempre passaram por muita dificuldade. Aos poucos e no decorrer dos anos, minha relação com eles foi se distanciando. Com treze anos, eu me apaixonei por um dos meninos com quem eu jogava bola na rua e acabamos namorando depois de ele pedir permissão para aos meus pais. A partir disso, fui me distanciando dos meninos e das meninas do meu ciclo de amizade.

Nesse relacionamento, tive várias experiências que marcaram a minha adolescência. Ao término da relação, visitei uma igreja evangélica, aos 14 anos. Gostei muito do ambiente e logo passei a frequentar a Igreja Nova Aliança durante dois anos. Sempre decidida nos meus compromissos e bem resolvida com minhas escolhas, não tive problema em participar das programações da igreja e respeitar as suas doutrinas. Lembro-me de ter participado de encontro de espiritualidade voltado para meninas que aconteceu em uma chácara. Depois de participar do primeiro, e dependendo da sua estabilidade espiritual, você poderia trabalhar nos seguintes encontros auxiliando nas programações. No segundo encontro, foi quando comecei a perceber diferenças na minha personalidade e na minha sexualidade. Conheci uma menina com quem eu me relacionava constantemente para ajudá-la na programação, passamos a ter uma relação muito próxima e ela

passou a fazer parte do mesmo grupo que eu na igreja, o qual é conhecido por célula. Eu percebia que ela despertava sentimentos diferentes em mim, para além de um sentimento de amizade, e comecei a ficar assustada com o que estava acontecendo comigo.

Em um dos encontros, falei a ela que precisávamos conversar e, no meio dessa conversa, acabamos nos beijando. Ali se iniciava uma das maiores confusões da minha vida. A religião que eu seguia dizia muitas coisas contrárias ao que eu estava sentindo e vivendo. Isso era perturbador e conflitante com a minha fé. Nas conversas com a líder da célula, ela falava que eu precisava matar esse monstro que havia dentro de mim e, a partir desses diálogos, comecei a me questionar sobre a veracidade do que eu estava seguindo e acreditando. Durante todo esse tempo de conflito, continuamos nos relacionando, mas fomos nos afastando por nossas diferenças.

Ainda na igreja, conheci uma outra moça com quem tive muita afinidade intelectual e sentimental. Nesse processo de me conhecer e de me relacionar, fui me afastando da igreja. Depois disso, resolvemos todos os impasses religiosos e ela entendia junto comigo que os dogmas eram completamente contra o que sentíamos, o que contribuiu para vivermos um relacionamento de quatro anos.

Nunca tive coragem, dentro desse tempo e em nenhum momento desses anos, de conversar com meus pais sobre minha sexualidade, escondia tudo com a religião, mesmo que eu não acreditasse mais em nada do que é pregado na igreja. Porém, mesmo procurando esconder da minha mãe o que eu estava vivendo, ela começou a desconfiar e acabou descobrindo. Sua reação foi inesperada, por me aceitar exatamente como sou, não colocando a minha sexualidade como impasse na nossa relação.

Esse relacionamento acabou, mas foi a melhor experiência que tive na minha adolescência, pois trouxe a aceitação da minha mãe e o fim da angústia de ter que me esconder dela. No ano passado, foi o ano em que minha mãe começou a contar aos poucos sobre minha sexualidade para o restante da família. Todos reagiram bem e conversam abertamente sobre o assunto. No final do ano, iniciei um novo relacionamento. Tem sido libertador por ter sido a primeira menina que apresentei a minha família como minha companheira.

Trajetória educacional

Por sempre ter sido considerada alguém que tinha uma maior facilidade de aprendizagem entre as crianças da família, eu sempre fui destaque na

minha trajetória escolar. Desde as séries iniciais, eu sempre me destaquei por conseguir ler muito bem e por articular bem as frases, melhor do que os outros.

Por volta dos meus 13 a 14 anos de idade, entrei em uma escola chamada Mariana Luz. Eu me lembro que o ensino de lá era bem precário e isso começou a interferir negativamente no meu rendimento. Minha trajetória escolar foi marcada por experiências de um descobrimento sobre coisas que nunca imaginei antes, me apaixonei por Ciências e Biologia do sétimo ao terceiro ano e meu discurso sempre era que eu seria médica ou bióloga.

Apesar de ter uma avó professora e morar com ela juntamente com o restante da minha família, eu nunca fui cobrada para ter uma formação específica, sempre tive liberdade para fazer as minhas escolhas. Minha avó é professora do Ensino Fundamental e dá aula de Geografia e Ciências. Ela sempre foi minha grande referência de esforço e compromisso com os estudos. Meus pais não possuem formação acadêmica, e minha irmã, por ser portadora de necessidades especiais, só deve estudar até o 9º ano.

Terminei o Ensino Médio aos 17 anos e sempre estudei em escola pública. Mesmo com notas boas, tive problema na escola por conversar demais com os outros colegas. Todos os professores

sempre me elogiaram pela minha capacidade de articulação nas apresentações de trabalhos e nas feiras científicas. Os elogios despertaram em mim um interesse maior pelas matérias em que se exigia uma maior capacidade de falar e de articular pensamentos. Minhas matérias favoritas e nas quais eu mais me destaquei foram Sociologia, Filosofia e História, e era nessas aulas que eu mais me concentrava.

Sabendo da minha afinidade com essas áreas, comecei a conversar com a minha avó sobre a possibilidade de algo que eu pudesse fazer para aprofundá-las. Em 2016, fiz cursinho o ano inteiro para fazer a prova do ENEM e foi no cursinho que percebi a dificuldade que iria encontrar para conseguir passar no vestibular e cursar Medicina. Ainda pensando em cursar Medicina, comecei a tomar consciência da dificuldade que seria conseguir uma vaga. Na primeira chamada do SISU, coloquei como primeira opção Enfermagem, por estar mais próximo do meu objetivo, e como segunda opção, inseri Pedagogia pela minha habilidade em articular bem meus pensamentos. Até então, eu não sabia o que se cursava para conseguir entrar na área da Filosofia, Sociologia ou História.

Depois de não conseguir passar na primeira chamada, esperei ansiosamente pela segunda, mas sem muita expectativa. Não fazia

mais nenhuma pesquisa sobre bons cursos na universidade e não acreditava muito que conseguiria uma vaga. Na segunda chamada, minha primeira opção continuou sendo Enfermagem, mas, para a segunda, escolhi o curso de Ciências Humanas, porque descobri que abrangia as disciplinas com as quais eu me identificava. Passei em 4º lugar na cota para escola pública.

No primeiro período do curso, tive um choque de realidade ao tomar consciência e descobrir que a sociedade não é um conto de fadas e que estudar os conflitos sociais pela lente da academia é perturbador.

Descobri que era um engano me considerar boa em Filosofia. Na minha primeira prova dissertativa, tirei 4.5. Chorei uma noite inteira. Na segunda, tirei 5.5, também em uma dissertação. Comecei a pensar que talvez eu tivesse me enganado sobre as minhas preferências intelectuais, mas, na terceira nota, um seminário, tirei 9.5. Percebi que minha maior habilidade na universidade era a apresentação oral.

No primeiro período, me destaquei em Introdução à Sociologia. A professora até chegou a me convidar para fazer parte de um projeto de pesquisa que ela desenvolvia, mas não deu certo, porque ela saiu do curso por ter encerrado seu contrato.

Anseios futuros

Foi no curso que descobri que a pesquisa e a afeição pelos conflitos sociais era algo muito mais presente em mim do que eu imaginava. Pretendo entrar no mercado de trabalho para conseguir retribuir o esforço dos meus pais em me manter na faculdade e me dar dignidade para viver bem. Pretendo aperfeiçoar minha carreira profissional indo até o pós-doutorado e tudo o que eu tiver direito e oportunidade de fazer. O trabalho dignifica o homem, mas também encarcera, por isso, busco meu progresso intelectual para que eu tenha muito mais liberdade nas minhas escolhas e na minha atuação profissional.

Imagino que eu consiga, de maneira eficaz, ter um bom lugar para morar, uma boa jornada acadêmica e profissional e que minha relação seja bem resolvida, o bastante para continuar com minha namorada até que consigamos, no tempo certo, ter nossa casa e um espaço de acolhida nessa sociedade cada vez mais excludente e destrutiva.



Visita técnica ao SAMU, 2019

Narrativa IX

Vittor Emanuel Silva Sousa

O presente memorial tem como objetivo destacar alguns pontos que considero necessário comentar a respeito da minha vida. Este está dividido por tópicos, nos quais pretendo discorrer de forma breve sobre alguns fatos, de modo que fiquem claros alguns aspectos que contribuíram para a formação do ser que sou hoje.

Trajetória familiar

O ano era 1999, o povo brasileiro eufórico com a chegada do Carnaval ia aos bailes e festividades numa tentativa, talvez, de esquecer as perdas do ano anterior. Como diz o ditado popular: o ano só começa depois do Carnaval. Enquanto o clima carnavalesco pairava sobre a nação, minha mãe, Cicera Ferreira da Silva, e meu pai, Rubenval Pereira de Sousa, estavam me concebendo, planejadamente ou por acidente. A minha gestação foi um tanto conturbada, já que minha mãe passou por situações de estresse por conta do calhorda que era meu pai.

Pois bem, nasci no dia 18 de novembro de 1999, às 10h35min, no Hospital Regional Materno Infantil, pesando 3.300 kg, na cidade de Imperatriz. Segundo alguns parentes, meu pai havia viajado para a cidade de Belém do Pará no dia anterior ao meu nascimento e, ao saber que eu chegaria ao mundo, retornou a Imperatriz em poucas horas. Mas, ao chegar à maternidade, teria sido proibido de entrar. Diante disso, ameaçou de morte os seguranças, causando uma pequena confusão que mais tarde seria resolvida. Ainda sobre meu nascimento, um acontecimento que causou estranheza na minha família foi o fato de eu não ter chorado como é de costume ou como é esperado. Um fato um tanto engraçado de quando eu ainda

estava na maternidade foi o desespero da minha mãe ao olhar pelo vidro da UTI neonatal e ver outro bebê, com um tom de pele bem mais retinto. Naquele momento, ela imaginou que eu pudesse ter sido substituído.

Um fato curioso sobre a origem do meu nome. Durante alguns anos da minha vida, vi declarações e dedicatórias para uma criança, no verso de fotografias, até que já na adolescência descobri que se tratava de mim mesmo, foi uma surpresa. Meu pai resolveu que eu seria chamado de Kevem Ruanerson. No entanto, como eu ainda não havia sido registrado em cartório, só fui registrado um mês antes de completar 2 anos, ficou decidido que meu nome seria o que é hoje, Vittor Emanoel, em homenagem ao personagem Vitor Manuel, interpretado pelo ator argentino René Strickler, em *O privilegio de amar*. Sorte a minha que minha mãe não quis copiar o nome do ator! Apesar que, vez ou outra, ainda passo por alguns contratempos por conta do meu nome nada comum.

Por volta dos meus três anos de idade, passei a morar com meus avós, pois minha mãe havia ido trabalhar em Palmas, onde temos alguns familiares. Durante esse período, minha mãe conseguiu garantir com que minha irmã e eu tivéssemos uma qualidade de vida melhor, do ponto de vista financeiro, ainda que isso tenha deixado em mim uma sensação de abandono. Mas eu não tenho

muito do que reclamar sobre isso, meus avós sempre foram bastante presentes na minha vida, inclusive sempre os chamei de pai e mãe. Algum tempo atrás, encontrei entre uns documentos antigos um documento de concessão de guarda não assinado, no qual minha mãe deveria transferir minha irmã e a mim para responsabilidade legal dos meus avós.

Outra pessoa importante nesse momento foi minha tia Aparecida. Temos uma relação de mãe e filho até hoje. Certa vez, fomos a um passeio da igreja, em que eu muito novo, com cerca de quatro anos, desconhecendo os riscos de entrar em uma piscina de dimensões olímpicas sem saber nadar, acabei entrando enquanto os adultos estavam desatentos. Quando já estava afogando, por sorte, encontrei algo em que segurar, era o namorado da minha tia. Naquele mesmo passeio, horas depois, já não bastasse o susto de quase morrer afogado, ainda tive que fugir da perseguição de um bode. Esse dia me rende broncas até hoje.

Trajetória escolar

Quando minha mãe retornou de Palmas, precisou me matricular numa creche para poder trabalhar. Minha família, que era muito católica, resolveu que eu estudaria na creche Santo António. Esse período me traz muitas recordações boas,

como as músicas, as brincadeiras e os amigos que fiz lá. Foi ainda ali que comecei a ser alfabetizado, aprendi a escrever meu nome e tomei consciência da importância de ter um nome. Também passei a compreender as diferenças nos colegas de classe e assim compreendi também as minhas individualidades. No entanto, ali eu vivenciava constantemente a sensação de abandono, pois, muitas vezes, minha mãe não conseguia sair do serviço a tempo de ir me buscar e eu ficava apenas com as funcionárias da limpeza, o que me fazia recordar, de certa forma, que minha mãe havia ido embora um tempo atrás, como já foi dito.

Nessa mesma época, a mãe engravidou. Eu fiquei bastante ansioso e feliz por saber que enfim eu teria outros irmãos para brincar. Porém, pelo fato de ser uma gravidez de gêmeos, o parto precisava de certos cuidados, o que me deixou muito preocupado, apesar da pouca idade.

Quando meus irmãos nasceram, o clima em casa era de alegria. Eu realmente estava muito feliz e até mesmo orgulhoso de ter um casal de irmãos gêmeos. O nome deles, Karlos e Victoria, foram em homenagem ao pai deles e a mim, respectivamente, o que me deixou mais feliz ainda. Porém, devo confessar que, com o passar dos dias, fui ficando bravo ao perceber que a partir daquele momento eu teria que dividir não só o afeto da família, mas também o próprio espaço, além de que os gastos

com eles eram prioridade. Diante disso, passei a me sentir mais confortável na creche, até porque eu acreditava estar perdendo “aquilo que me pertencia”.

Quando eu tinha entre seis e sete anos, passei a estudar na escola Frei Osvaldo Caronini. Lá, cursava o Ensino Fundamental. Meses antes, eu havia passado por outras duas escolas, porém não gostei. Então, mudaram-me de escola duas vezes. Recordo-me que no primeiro dia de aula chorei bastante, inclusive ofendi a professora Conceição, que já era uma senhora de idade, mas, poucos dias depois, eu já me sentia muito bem integrado na turma e na escola.

No ano seguinte, a escola começou a organizar programações culturais. Eu sempre quis participar, contudo minha timidez falava mais alto, a única forma de eu participar era acompanhando minha irmã, que era uma das atrações principais da escola. Diferente de mim, minha Irmã Adrielly sempre foi extrovertida.

Apesar de ser uma escola muito acolhedora, a educação era precária, por isso tive que começar a fazer aulas de reforço e, apesar de pouco tempo de reforço escolar, ficou evidente que a escola não possibilitava um aprendizado eficiente. Foi aí que comecei a gostar de ler, buscando sempre preencher as lacunas que a escola deixava. Essa percepção de que a escola era deficiente quanto ao ensino foi apontada por uma de minhas madrinhas que é professora.

2009 foi um ano bastante difícil para mim, o que refletiu bastante no meu desempenho escolar. Meus pais constantemente me colocavam no centro da discussão de ego e responsabilidade travada entre os dois. Logo após o início do ano letivo, uma tia minha veio a falecer. No dia seguinte à morte dela, a caminho do velório, o carro em que eu estava e que no volante estava o meu tio Damião teve problemas mecânicos e rodopiou na pista. Por sorte, não capotou e, por mais sorte ainda, o caminhão que vinha à frente conseguiu parar a tempo. Os meses que se seguiram foram de luto, pois vários parentes próximos vieram a falecer, inclusive meu bisavô.

Meu desempenho escolar já estava comprometido. Já quase no fim do ano letivo, meu tio Damião sofreu um segundo acidente em menos de 20 dias. Aquele dia ainda é claro na minha memória, um clima demasiadamente triste pairou sobre minha família, porém, conforme as informações iam sendo atualizadas, eu e minha família íamos nos acalmando. Eu estava muito esperançoso de que ele iria sair da UTI e logo estaria recuperado, entretanto, passados dez dias de internação chegou a notícia que não queríamos receber, a notícia sobre o falecimento dele.

Uma sensação de profunda tristeza tomou conta de mim. As provas de fim de bimestre não eram uma prioridade naquele momento, se não fosse o apoio que recebi dos professores, dos colegas e da escola em geral, provavelmente eu teria reprovado.

Em 2010, tive a impressão de estar vivendo em um “mundo cinza”, nem mesmo as festividades do ano, incluindo a Copa foram capazes de colori-lo.

Em 2011, a impressão que eu tinha do mundo persistia. Nós nos mudamos de casa e eu precisei mudar de escola. A casa onde fomos morar ficava próxima a uma boca de fumo, isso gerou em mim alguns medos e traumas. A nova escola ficava em uma região perigosa e era bastante longe, o que demandava muito esforço físico, além de força psicológica, já que eu era vítima de *bullying*. Estudei por dois longos anos nessa escola, mas, apesar das angústias, foi lá que fui incentivado pela professora Tatiara Barbosa a focar na produção de textos.

Em 2013, mudei mais uma vez de escola. Dessa vez, eu estava ansioso, pois alguns dos meus antigos colegas de turma da escola Frei Osvaldo estudavam lá, porém, por ser novato, eu acabei ficando em uma sala diferente, o que dificultou meu entrosamento com eles novamente. Estudei nessa escola, Marechal Rondon, por dois anos e, apesar de eu não estar em uma fase boa da vida, conheci

muitas pessoas interessantes, muitos professores competentes e passei a ter um interesse especial por História e pela área da saúde.

Já no Ensino Médio, principalmente no 1º ano, foquei bastante nos conteúdos aplicados na escola, até mesmo por ser uma pessoa tímida, os estudos eram o meu refúgio. A partir do 2º ano do Ensino Médio, fui me entrosando cada vez mais, meus colegas e eu formamos “uma panelinha” chamada de “Os amiguinhos”, formada por Joab, Kesse, Larissa, Marcos, Neidinha, Roberto, Vitoria e Vittor.

Apesar de ter sido fundamental para minha recuperação psicológica, naquele momento, esse ciclo de amizade acabou por atrapalhar meu aprendizado na escola, já que meu foco passou a ser a diversão. Certa vez, cheguei da escola e fui convidado pela minha irmã a fazer uma viagem, que a priori duraria uma semana, devido a mudanças de planos e à falta de vontade de retornar, acabamos por passar mais de vinte dias em Soure, no Marajó, por pouco minha matrícula na escola não foi suspensa. Preciso declarar que não me arrependo do que fiz, na verdade, acho que deveria ter feito mais.

Antes de concluir o Ensino Médio, eu já havia iniciado uma formação técnica na área da saúde, como eu já havia dito, esse foi um interesse que despertei ainda no Ensino Fundamental.

Trajetória acadêmica

Bem, minha trajetória acadêmica, de certo modo, começou na prova do Enem. Ali eu já estava a um passo de entrar no ensino superior, como de fato ocorreu, tendo isso se concretizado no dia 20 de agosto de 2018.

Quando fui escolher a área em que eu queria me formar, fiquei decepcionado, pois o Curso de História não era, como ainda não é, ofertado aqui em Imperatriz. Minha vontade era de escolher uma opção em outra cidade, em outro estado até, mas o medo da possível instabilidade financeira e a conclusão de que eu não teria maturidade suficiente para sobreviver longe da família me fizeram escolher esperar pelo ProUni.

Consegui pelo ProUni uma bolsa integral para cursar Engenharia de Produção na faculdade Pitágoras. Diante das dificuldades em conseguir os documentos exigidos e do meu inexistente interesse em cursar qualquer curso de Exatas, optei por esperar a nova prova do Enem. Entretanto, não foi necessário, já no último dia do prazo de inscrição para a chamada de segundo semestre da UFMA, fiz minha inscrição, coloquei como primeira opção o curso de Licenciatura em Ciências Humanas(LCH), no qual fui aprovado.

Adentrar o ensino superior foi e continua sendo um desafio constante, pois as dificuldades são diversas. Percebi que a escola falha na formação dos estudantes que almejam o ensino superior e que, estando lá, encontram dificuldades que deveriam ter sido superadas ainda na escola.

Consegui passar em todas as disciplinas do 1º período. Isso demandou muito esforço e até sacrifícios, mas foi possível também graças à contribuição dos professores, o apoio da turma e dos amigos, no meu caso, o apoio das amigas. Agora no 2º período, testemunho as mesmas dificuldades, mas minha postura diante delas está cada vez mais firme. Pouco a pouco, estou superando as angústias que surgem por conta da universidade.

Anseios futuros

Meus principais anseios para o futuro envolvem o bem estar e o futuro da minha família. Anseio que eles permaneçam saudáveis e que as dificuldades financeiras não sejam um problema mais contundente.

Espero que minha mãe consiga fazer a cirurgia para retirada de um tumor, cuja solicitação está praticamente parada no SUS; e que ela consiga um dia realizar o sonho de

ter uma casa própria. Espero um dia poder realizar esse sonho dela.

Desejo que meus avós consigam se aposentar, já que o pedido de aposentadoria deles está parado na justiça há alguns anos.

Já os desejos relacionados a mim mesmo são até modestos. Espero conseguir fazer quantas graduações for possível e concluí-las, claro; ter condições de morar sozinho e poder conhecer o mundo; ter pelo menos três filhos; e participar de causas humanitárias.



Formatura Ensino Médio, 2002

Narrativa X

Rosilene da Silva Costa

Por meio deste memorial autobiográfico, faço um breve relato da minha vida, que acontece boa parte na cidade de Imperatriz.

Casada, mãe de dois filhos, tenho o sonho de melhorar minha condição de vida por meio de meus esforços físicos e intelectuais.

Resumo o que vou narrar nas linhas abaixo com a seguinte frase: Certo dia, resolvi mudar minha

trajetória de vida, casei, tentei um concurso público, prestei vestibular para Universidade Pública. Foi quando encontrei um objetivo a seguir, motivada por futuras realizações pessoais e profissionais.

Trajetoária pessoal e familiar

Nasci em 12 de setembro de 1983, em Imperatriz, no Maranhão. Filha de José Tomaz e Rosalina, sou a terceira de cinco irmãos. Na infância, tive uma atenção a mais, por ser a primeira filha do casal e a primeira neta por parte de pai. Por isso, tive um certo privilégio para conseguir tudo o que queria.

Minha infância foi produtiva, cercada de amigos criativos com os quais tive a oportunidade de crescer e até hoje t -los como amigos próximos. Certa vez, lembro de ter aprontado uma atrocidade com um deles, quando fomos nadar no rio Tocantins e, por motivo fútil, quase matei um deles afogado. Minha v  materna tinha uma mini chácara e costumávamos ir para lá nos finais de semana e nas férias.

A rua XV de Novembro, onde moro desde que nasci, me traz muitas lembranças boas do meu período de criança. Havia muitos p s de mangas e eu, durante o dia, além de brincar, ainda comia do seu fruto.   noite, era o melhor

horário, quando nos juntávamos para brincar de polícia - ladrão. Essa brincadeira permitia com que fôssemos a outra rua, o que era proibido por meus pais.

Meu aniversário de dez anos me permitiu compartilhar aquele momento ímpar com todos os meus amigos e familiares. Minha mãe fez uma surpresa e tanto, porque as condições financeiras nunca tinham permitido fazer uma festa de aniversário para mim.

Na adolescência, fiz a eucaristia e crisma na igreja Santa Tereza, sobre pressão da mãe, mas aí comecei a gostar e, até hoje, estou engajada na caminhada missionária. O bom dessa ida para igreja era a participação nos grupos de jovens e as gincanas bíblicas.

Depois, passei a frequentar festas. Tinha uma casa de show chamada Flyback que representou o marco das minhas diversões, dancei, bebi, beije, e me apaixonei; paixão passageira, naquele período ainda estava conhecendo aquele meio social.

Minha mãe sempre foi de conversar e dar conselho dos seus princípios e valores corretos, mas bem liberal. Nesse período, dancei muitas festas juninas e focava sempre na interação com a galera, tinha um espírito de liderança e toda bagunça era eu quem organizava, bagunça no sentido bom da vida, não tinha malícia.

Trajetória educacional

Cursei o Ensino Fundamental na escola Wady Fiquene, da qual tenho muitas lembranças boas, principalmente dos amigos que eu fiz e que até hoje mantêm contato comigo. Eu sempre fui bem dedicada nas disciplinas, porque gostava e para não reprovar, até porque, se isso acontecesse, a taca era certa. Na verdade, este foi um dos motivos da minha dedicação ao estudo, eu era muito preocupada em tirar boas notas. Embora tenha sido uma forma rígida de aprendizagem, reconheço que isso me tornou uma mulher responsável e esforçada em tudo que realizo.

Cursei o meu Ensino Médio na Escola Dorgival Pinheiro de Souza. Comecei a estudar no período da tarde, mas logo passei para a noite, visando a um emprego que não deu certo. Enquanto eu estudava, fazia os trabalhos e atividades dos colegas que trabalhavam e não tinham tempo, foi uma das formas de conseguir dinheiro para comprar o meu material de estudo. Muito boa essa experiência, pois passei a dar mais valor ao trabalho dos meus pais, que, com muito esforço e dedicação à família, viviam da lavoura e de serviços domésticos. Nesse período, me apaixonei por Matemática, fiz curso técnico na área da Física custeado pelo programa

do governo e cursinho preparatório. Prestei vestibular duas vezes para Matemática, mas acabei desistindo de continuar tentando por não consegui ser aprovada.

Mesmo sendo de uma família sem muitas condições financeiras, meus pais se dedicaram ao nosso estudo até concluirmos o Ensino Médio, mesmo que eles tenham vindo de uma cultura em que estudar não dá futuro para ninguém, em que o importante era o trabalho para manutenção e segurança da família.

Depois que desisti da faculdade, comecei a me aventurar na vida amorosa. Tive dois namorados ao longa desta vida. O primeiro não durou três meses e o segundo namorei por dez meses, ele era um vizinho, fomos criados praticamente juntos, e até hoje ele faz parte da minha história. Em dezembro, se as circunstâncias permitirem, iremos fazer quinze anos de convivência. Bom, casei, tenho dois filhos, Rebeca e Pedro Víctor, meus maiores incentivadores para continuar a caminhada, passei em um concurso público do qual tiro meu sustento e consegui entrar na universidade pública por meio do ENEM para o curso de Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Anseios futuros

Para o futuro, tenho apenas projetos que possam se concretizar, tal como concluir o meu curso para alcançar mais dois objetivos: primeiro, me tornar uma profissional competente para atuar na sociedade e no mercado de trabalho de forma precisa e eficaz; segundo, melhorar a minha vida financeira para dar o melhor para os meus filhos e garantir o bem-estar de toda família. Essa foi a decisão que tomei para hoje, não sei daqui em diante se ainda irei acreditar nesse projeto, pois a vida é uma constante luta e aprendizado.

Eu me recordo de uma frase do Charlie Chaplin: “A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios... por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente cada momento de sua vida... antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”. A vida é para quem se arrisca!



Organização e participação do I Simpósio Sociologias & Fronteiras, UFMA, Imperatriz, 2019.

Narrativa XI

Polyana Almeida Frota

Trajetória pessoal familiar

Tenho trinta e três anos, sou casada e tenho dois filhos. Sou a mais velha de seis irmãos. E vou aqui contar um pouco da minha história no que se refere a minha trajetória familiar, educacional e falar também um pouco dos meus anseios para o meu futuro educacional.

Sou a filha mais velha, como disse, e filha de pais separados, meus pais se separaram quando eu tinha por volta de seis anos de idade e um irmão com cinco anos de idade. Enquanto meus pais ainda moravam juntos, eu me recordo de pouca coisa, recordo que nossa casa era de taipa e coberta de palha e lembro também que meu pai tinha um comércio que também era um bar. Meus pais brigavam bastante, porque meu pai era bem violento, metido a valentão.

Quando aconteceu a separação dos meus pais, minha mãe foi embora de Imperatriz-MA para o interior de uma cidade chamada Montes Altos-MA. Lá, eu e meu irmão ficamos morando com meus avós maternos e minha mãe foi trabalhar em uma fazenda. Minha avó (*in memorian*) era analfabeta e meu avô (*in memorian*) semianalfabeto. Como profissão, minha avó era quebradeira de coco, com ela aprendi a quebrar coco quando criança. Costumo ouvir minha mãe falar da vida da minha avó, que era mulher forte, sofrida, teve quinze filhos, dos quais quatro morreram ainda bebês. Essa mulher muitas vezes garantia o sustento dos filhos com seus instrumentos de poder, ou melhor, com um machado, um cacete e um cofo (um objeto feito de palha para armazenar o coco babaçu quebrado ou a amêndoa). Meu avô era trabalhador rural e todos os filhos tinham que ajudar no trabalho da roça.

Falo somente dos meus avós maternos, porque os paternos nunca tive a oportunidade de conhecer e sobre eles só sei dizer o que meu pai costumava relatar quando ainda conseguia falar, porque agora ele adoeceu de AVC e já não fala mais. Mas dizia ele que meu avô era bem durão no sentido de ser carrasco com os filhos e que a mãe dele morreu quando ele tinha sete meses de nascido e ele foi criado por uma irmã dele que tinha entre sete e nove anos de idade.

A casa dos meus avós maternos, onde morei, era de taipa, coberta de palha e dormíamos na rede, às vezes, em esteira também (instrumento de palha). A água para beber e cozinhar era buscada na fonte (buraco, cisterna onde jorra água ou como chamam na roça, olho d'água). Na casa dos meus avós, moravam dois tios e duas tias, aos quais foram acrescentados eu e meu irmão. Não tinha casa bem próximo a nós.

Meus avós gostavam de dançar no forró do Chico do Fole (in memorian), ele tocava uma sanfona e os moradores da redondeza iam dançar nesse forró. Lembro ainda hoje de músicas que tocavam por lá, como esta: “aí, eu vou embora, não sei se meu destino é feliz, não sei quando eu voltarei pra visitar essa grande Imperatriz”. Esse refrão tocava demais, ainda hoje consigo reproduzi-lo como que ouvindo aquela sanfona. Depois das festas, não me recordo se havia ocasiões especiais, a

gente voltava com o dia quase amanhecendo e nos braços dos meus avós. Acho que essa era a única maneira de o povo esquecer um pouco aquela vida sofrida e renovar as forças pra lida.

Nesse tempo que morei com eles, lembro muito bem como as coisas eram difíceis para nossa família. Passamos por momentos bem delicados de privações materiais, muitas vezes não tínhamos comida para as três principais refeições, o que nos levava continuamente a ter como refeição um “chibel”, comida feita à base de farinha, água, sal e, muitas vezes, pimenta. Minha vó gostava de um café bem amargo e sempre estava fumando um cachimbo. Os problemas de saúde eram resolvidos com chás, rezas das benzedadeiras e fé em Deus, porque os médicos que tínhamos eram os mais velhos que com suas experiências encontravam soluções para os problemas que surgiam, inclusive de saúde. Isso para falar que tudo era muito difícil comparado às possibilidades que tenho agora.

Trajetória educacional

Nesse tempo em que morei com meus avós, existia uma escola perto que lembro vagamente de frequentar e lá aprender a soletrar o ABC. Lembro-me da palmatória que dava muito medo e de que lá havia uma para penalidade máxima que tinha um furo bem no meio, como doía aquela batida no meio

da mão. Não me recordo de ter aprendido muita coisa, mas sei que qualquer vacilo você apanhava como castigo e não consigo agora dizer se era mais doloroso e vergonhoso não saber soletrar correto ou o inchaço e a vermelhidão que ficavam no meio da mão depois da batida daquela palmatória, meu Deus!

Depois que meus pais se separaram, meu pai não procurou mais contato conosco. Então, eu e meu irmão resolvemos um dia ir visitá-lo. Fomos e resolvemos ficar por lá vivendo com ele, porque pensamos: aqui vai ser melhor do que na roça (risos). Ledo engano, pois não foi o que aconteceu. No período em que morei com meu pai, não estudei. Ficamos com ele um ano, depois minha mãe foi nos buscar para morar com ela.

Fomos morar em uma parte do interior com ela e meu padrasto, o lugar ficava bem distante da casa dos meus avós, mas era na mesma cidade, Montes Altos. Nesse tempo, minha mãe me ensinava a ler, porque ela estudou até a 5ª série (era como chamavam), porém meu pai era analfabeto. Minha mãe foi a única a estudar no interior, porque meu avô não permitia que os meus tios frequentassem escola, filho tinha que ajudar no trabalho da roça e não estudar. Recordo sempre como era a pedagogia que minha mãe usava para me ensinar, era a pedagogia do cipó (risos). Sim, a minha mãe me

batia diversas vezes como castigo, se eu não desse a lição corretamente e foi assim que aprendi a ler e não sei dizer que idade eu tinha nesse tempo.

Minha mãe com essa pouca formação escolar foi professora por um período para algumas crianças desse interior, que se reuniam em uma tapera velha que ficava por perto do lugar onde a gente morava nesse tempo. Lá as paredes estavam caindo aos pedaços e era coberta de palha, era uma casa abandonada, ninguém morava ali.

Fomos morar em um barraco, assim chamado pelas pessoas, coberto de palha e até então sem paredes ao redor, esse barraco ficava localizado bem no meio da roça onde plantávamos. Nessa nova estadia, fomos matriculados na única escola da região que ficava bem distante de onde a gente morava. Dava 5h da manhã e todos já estavam de pé, acendia o fogo na trempe (três pedras que serviam para apoiar panelas e que debaixo colocávamos lenha) e fazíamos um café preto para comer com algum punhado de farinha ou resto de arroz que sobrava do jantar da noite anterior, e logo era hora de ir pra roça. Roçar, capinar de cutelo (um facão meio achatado que permite cortar o mato com mais facilidade), plantar e colher, tudo isso fazíamos.

O rádio anunciava a hora, mas na roça a posição do sol nos dizia com naturalidade a hora do relógio, era o momento de ir à fonte buscar um

“carote” de água, às vezes, uma cabaça mesmo, para fazer a comida e ir para a escola. Para chegar a essa escola, eu e meu irmão íamos sozinhos a pé, a gente passava por várias cercas de arame farpado, atravessava uma primeira grotta e um capinzal e se alguém olhasse de longe só via o capim se movimentando, aquilo dava uma coceira dos infernos (risos). Subíamos um morro, atravessávamos uma mata um pouco fechada e passávamos pela casa de uma família, descíamos um morro menor e passávamos por outra grotta e, depois demais cercas, a gente chegava à escola que era no quintal de uma família bastante conhecida na região, era a casa da família de meu padrasto. Eu nem preciso dizer a maneira como chegávamos lá, suponha você que me lê, se após toda essa maratona a gente conseguia concentração (risos). Às vezes, a gente já chegava atrasado.

O professor havia ido morar naquela região para nos ensinar, não consigo precisar qual era sua formação. A escola ficava ali, porque era o local onde se pensava ter um lugar em que o professor pudesse ensinar. Quanto à estrutura da escola, ela era coberta de palha e só tinha metade das paredes que eram feitas de taipa, o chão da escola era de barro e, se não molhasse, aquilo dava uma poeira insuportável. Para beber, tinha um pote que ficava na “bilheira” no canto daquele pequeno cubículo escolar.

Nessa escola, só tinha um professor e ele ensinava todos os alunos de diferentes idades e de diferentes séries. O professor ensinava também todas as matérias e, agora mesmo enquanto escrevo, eu me pergunto: como era isso? Eu nem lembro mais. Não sei se aprendi muita coisa ali, mais lembro que o professor dizia que eu era uma boa aluna e isso me animava bastante, disso eu lembro bem.

Na hora do recreio, a gente nem tinha muito o que merendar, poucas vezes, tinha uma bolacha e alguma outra coisa, na maioria das vezes, a gente comia o pó de achocolatado que vinha na mísera cesta de merenda escolar e bebia água. E estava tudo bem para nós, podíamos seguir a aula que não podia terminar muito tarde, porque a maratona de volta exigia luz e precisávamos meter o pé para não passar pela mata no escuro.

De volta pra casa, a gente ainda tinha que ir à fonte buscar água, fazer tudo que podia antes de escurecer, porque o óleo da lamparina nem sempre dava para muita coisa. A tarefa da escola também tinha que ser feita no curto espaço de tempo que restava com a luz do pouco óleo que tinha.

Passado esse tempo na roça, fomos morar na cidade de Montes Altos. É difícil precisar datas e minha idade, disso eu não lembro. Nesse período, eu fui matriculada na escola Santa Isabel, que ficava perto de casa e já era mais fácil chegar. Estudava

pela manhã e nesse tempo eu nunca tinha café da manhã antes de sair, chegava à escola rezando para chegar a hora do lanche (como era bom).

A pobreza era sempre companheira, porque eu lembro muitíssimo bem das múltiplas vezes em que era exigido uniforme escolar e minha mãe nunca pôde comprar. Todo início de semestre, era barrada no portão e era sempre a mesma coisa, minha mãe ia à diretoria dizer que não tinha dinheiro para custear a “farda” como chamavam, e era verdade, minha mãe não tinha dinheiro nem sequer para comprar um chinelo decente pra eu ir à escola, eu usava sempre aquela havaiana remendada com arame de caderno.

Meu caderno, falando nisso, era daqueles que a gente chamava de cinquenta centavos, o meu sonho era possuir um caderno de matérias. Eu escrevia naquele minúsculo caderno e, quando acabavam as folhas, eu voltava escrevendo no verso e em cada pedacinho que encontrava em branco. Eu era garimpeira na minha própria miséria, porque eu aproveitava sempre os pedacinhos de lápis que encontrava no cesto de lixo da escola, aqueles que meus colegas descartavam, esses eram toda minha riqueza e era tudo que eu precisava.

Mas tem uma coisa muito boa que carrego na bagagem da minha história, os elogios dos meus professores, que sempre diziam que eu era uma excelente aluna, mesmo quando eu não achava que

fosse, e isso, de certa forma, me dava ânimo, entusiasmo para seguir. Essa recordação é tão forte e significativa que me fez chorar enquanto escrevo.

Mudei de escola, trabalhava como doméstica meio período e estudava no outro, fazia um grande esforço para nunca faltar a uma aula sequer e continuar firme. Eu não sabia bem o que eu queria, mas tinha certeza de que parar de estudar não estava nos meus planos. Mudamos de Montes Altos para o Bananal que fica em Governador Edson Lobão-MA, onde cursei o Fundamental na escola Santa Rita. Lembro bem que fui estudar na aceleração (EJA) no período noturno.

Depois desse tempo, fui estudar durante o dia. Eu me recordo da fila que tínhamos que fazer no pátio da escola para cantar os hinos nacional, da independência e municipal. Em sala de aula, eu procurava sempre aprender e entender bem o que o professor explicava, adorava Matemática e tinha certeza de que, se fosse pra uma universidade, eu cursaria Exatas. Pois não é que meu coração veio morar nas Humanas?!

Mudei de escola para cursar o Ensino Médio e nessa nova etapa sinto que fui bastante prejudicada, porque faltavam muitos professores na grade escolar, ora tinha, ora não tinha. Professor de Biologia era uma dificuldade, de

Física nem pensar e, por aí vai. Eu trabalhava o dia todo como doméstica e estudava à noite e com muito esforço consegui terminar o Ensino Médio.

Depois que concluí, fiquei trabalhando e não encontrei condições para tentar ingressar na universidade. Depois de casada, comecei a tentar vestibular e, após começar a cursar uma faculdade particular, eu consegui uma vaga no curso de Licenciatura de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Sou a primeira da família a entrar no ensino superior, isso me enche de felicidade.

Anseios futuros

Entre estudar, trabalhar, cuidar de filho, eu tranquei o curso mais de uma vez, e agora estou eu aqui, nesse tempo remoto, lutando para concluir essa licenciatura e como diz uma amiga minha: vestir aquela beca vermelha. Não quero pensar em desistir, porque desistir não é possibilidade para mim. Eu estou é sonhando com a seleção do mestrado em Sociologia e em poder exercer a profissão, que muitas vezes me elevou e que muitas vezes foi minha salvação.

Quero ser professora e quero ser cientista social. Tenho andado devagar, a passos lentos, porque é um mundo de coisas que atravessam

nosso caminho acadêmico, mas repito mais uma vez, desistir não faz parte dos meus planos e eu vou até aonde conseguir ir, porque uma vez olhando para minha trajetória de vida eu jurei para mim mesma e para Deus que havendo possibilidades eu abraçaria todas e estou abraçando todas elas e sei que muitas virão para que eu as abrace de peito aberto. Eu me disponho e me proponho a ser cada dia melhor do que já fui e mesmo quando minguem as forças, eu teimo em retomar o fôlego e prosseguir, porque o povo da roça não teme o sol e nem a chuva, nas intempéries mantemos a força e nessa coragem eu quero seguir. Não sei aonde vou chegar, mas sei de uma coisa: eu não quero PARAR!

Agradeço imensamente ao professor Edson pelo pedido da pequena trajetória que me fez lembrar muita coisa guardada no baú da memória e que me fez mais uma vez renovar o propósito de não desistir. Estou em um momento delicado da vida e de certa forma todos nós estamos, mas que tenhamos a coragem e a firme decisão de prosseguir nossos sonhos. Professor Edson, eu te agradeço representando todos os professores que já passaram pela minha história e por todos que ainda passarão.

“A vida é combate”, essa frase resume toda minha trajetória de vida. Estou combatendo!

ISBN: 978-65-86619-56-0

